

Orquidário



R25

Volume 7, nº 1
Janeiro / março
1993

DIRETORIA

Presidente: Raimundo A.E. Mesquita - Tel.: (021)233-2314
Vice-Presidente: Yvan Lassance de Oliveira - Tel.: (021) 542-3770
Diretor da Área Técnica: Alex Sauer - Tel.: (021) 225-4164
Diretor da Área de Relações Comunitárias: Hans Frank - Tel.: (021) 709-4194
Diretor da Área Administrativo Financeira: Benedito Fabiano O. Aguiar - Tel.: (021) 712-1663.

Presidentes Anteriores: Edward G. Klipatric, 1986/87, Álvaro Pessôa, 1987/90 e Raimundo Mesquita, 1990/92

DEPARTAMENTOS

Exposições e julgamentos: Ivana Zubic
Difusão Cultural: Carlos A. Gouveia: Tel.: (021) 230-7348
Pesquisa, Cultivo e Cursos: Maria da Penha Fagnani - Tel.: (021) 246-9868
Biblioteca: Maria Stella Borges
Secretariado: Helena Eyer: Tel.: (021) 233-2314
Tesouraria e Finanças: Cypriano Lopes Feijó
Patrimônio: Mário Abreu de Almeida.

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente: Waldemar Scheliga - Tel.: (021) 267-8384
Membros: Felisodoro Bastos Nunes, Álvaro Pessôa, Carlos Eduardo de Britto Pereira e Roberto Agnes

REVISTA ORQUIDÁRIO

Diretor Responsável: Alex Sauer
Editoria: Roberto Agnes - Tel.: (021) 247-8362
Comissão Editorial: Waldemar Scheliga, Carlos A. Gouveia, Raimundo Mesquita, Alex Sauer e Álvaro Pessôa

A revista circula trimestralmente, com publicação nos meses de Março, Junho, Setembro e Dezembro e é distribuída gratuitamente aos associados.

Roga-se permuta com publicações afins

Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao editor, datilografados em espaço duplo, em uma só face, em papel ofício Tipo A-4. Aceitos, serão publicados em um dos números seguintes. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço. Fotografias, em preto e branco, devem vir acompanhadas de negativos, e nome do fotógrafo, devendo ser identificadas a autoria de desenhos e esquemas, apresentada, sempre, em papel branco e tinta preta. Para fotos a cores os autores deverão remeter, em slide, diapositivo ou o próprio fotolito a ser publicado, com identificação do motivo da foto e nome do fotógrafo. Para remessa de fotolitos contatar, antes, com o editor para a juste de dimensões.

Propaganda e matéria paga, com indicação do mês de publicação, deverão ser entregues à Redação com 2 meses de antecedência.

O título da revista é de propriedade da OrquideaRio, nome que, também está registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicada, quando não sujeita à reserva de Direito Autoral, indicada como DR pode ser reproduzida desde que se indique a origem.

Preços:

Sendo a nossa revista trimestral e em razão dos elevados níveis inflacionários, não há como divulgar, a cada 3 meses, os preços das contribuições dos sócios Fundadores, Contribuintes, Correspondentes e Vitalícios, bem como aqueles de Publicidade, sem que eles fiquem imediatamente aviltados. Pareceu-nos melhor, portanto, prestar estas informações, solicitando que os interessados escrevam ou telefonem para a Secretaria para saber das Tarifas vigentes ao instante dos seus pagamentos.

Overseas subscriptions rates:

a) 1 year: Us\$25.00; b) 2 years Us\$48.00; 3 years: Us\$68.00

Obs.: By Air Mail, add Us\$8.00, per year

A correspondência à Revista deverá ser enviada ao Editor: Av. Pres. Vargas, nº 583 - grupo 2.014, Centro, RJ, CEP 20.071. Tel.: (021) 224-2886 - Fax (021) 507-1993.

Índice

Textos	Página
Conversa com o Editor	4
MESQUITA, R. - Porque não gosto de <i>labiata</i> ...	5
MENEZES L. C. - <i>Cattleyas</i> gêmeas	9
P. CASTRO, Vitorino - Uma nova espécie de <i>Pabstia</i>	14
JENNY, R. - <i>Stanhopea graveolens</i>	18
Recuperando a memória orquidófila nacional	22
SCHELIGA, W. - O Jardim Botânico do Rio de Janeiro	26
O Fotógrafo de 1992	30
CARVALHO & POTSCH - Esterilização de sementes	32
Seções	
Sementeira dos sócios	36

Ilustrações

Fotos e Desenhos de: Capa Álvaro Pessoa; 4ª Capa, Vitorino P. Castro; Páginas: 5/8, A. Pessoa; 9/13, L.C. Menezes; 14/17, Vitorino P. Castro; 22, Carlos Ivan da Silva Siqueira; 24/25, fotografias de Roberto Agnes, com permissão da Biblioteca Nacional; 26, Carlos Ivan da Silva Siqueira; 30, Valentim Tavares Fernandes

Nossas Capas

O mês de março é o mês das *Cattleya labiata autumnalis* e, assim, na nossa capa, não poderíamos deixar de exibir uma e a que mostramos, em foto de Alvaro Pessoa, é a impressionante 'Estrela D'alva'. Na última Capa, em foto do Autor, a nova *Pabstia schunkeana*, descrita neste número por Vitorino P. Castro.

Neste Número

Iniciamos neste número alguns sumários em inglês para facilitar o acesso aos nossos leitores do exterior. As versões são de Roberto Agnes, William Beck Sweet e L. C. Menezes (seu artigo).

ORQUIDÁRIO

Livro Tombo n.º R 25

Obra n.º

..... msno
Bibliotecário

E la nave va...

Quem já tenha visto o poético filme de Federico Fellini que leva o título acima, sabe bem que não se poderia simbolizar de maneira mais adequada a viagem de que a orquidofilia brasileira esta prestes a participar.

Poucos poderiam imaginar que a nossa ida a Auckland, Nova Zelândia, poucos anos atrás, iria nos engajar em rota tão insólita.

Pois bem, passados tres anos, embarcamos num navio chamado Conferência e Exposição Mundial de Orquídeas e, finalmente, chegou a hora de zarpar e buscar o rumo do porto de destino, a que só chegaremos em 1996. Claro, antes de chegar, teremos que navegar em águas revoltas e passar por portos de escala de muita importância.

Aliás, quando os nossos sócios e leitores estiverem recebendo esta edição, estaremos também nos preparando para atracar no Porto que, sem dúvida, será o mais difícil, GLASGOW, na Escóssia. Final de abril, começa a 14ª Exposição e Conferência Mundial de Orquídeas e, ali, durante uns poucos dias, teremos que convencer um bom número de 'passageiros' que o porto de destino, RIO, Brasil, será tão bonito quanto os outros que já foram visitados em escalas anteriores. Com tal finalidade montaremos um *stand* para mostrar o que temos para oferecer, aqui, de muita beleza e, lá, teremos, também, um expressivo número de orquidófilos brasileiros, dando tudo de si para o sucesso da empreitada.

A escala subsequente será uma Exposição Internacional, que será montada em 1994, aqui no RIO, no mes de setembro. Nesse porto teremos que mostrar toda a qualidade do nosso navio, pois, só assim, conseguiremos ver assegurada lotação completa para aportarmos em 1996 na 15ª WOC. Escusado dizer que a tripulação não poderá ser recrutada só no Rio. Quanto maior for a participação de todo o Brasil orquidófilo, maior será a certeza dos resultados.

O Porto de destino, todos sabemos, é a 15ª Conferência e Exposição Mundial de Orquídeas, em setembro de 1996. Espero, tenho certeza de que a viagem, até lá, prosseguirá garantida pelo espírito fraterno que, todos, somos capazes de evidenciar nas horas necessárias, pois somente isso nos permitirá, ao final, brindar o êxito e o sucesso. E la nave va...

O pio do Sanhaço

Outro dia ouvi do nosso Presidente, Raimundo Mesquita, em tom de brincadeira, que ele não gostava de *Cattleya labiata*. Intrigado fui conferir tal afirmação, pois o homem detém uma coleção respeitável dessa espécie. Com grande sorriso, explicou-se melhor e o resultado está no seu artigo.

Este pequeno incidente, aliás, me lembrou algo que eu, também, observava com relação às nossas espécies mais disputadas - onde será que se escondem tão famosos clones? Circula, em círculos fechados e debaixo de muitos sussurros, a notícia de uma *Cattleya labiata*, azul sanhaço. Estou louco para ver! Afinal, como fotógrafo desta revista, é do meu dever registrar para a posteridade fato tão importante. Quase consegui... O quase ficou por conta do fato de, quando cheguei com minha câmera, ter encontrado uma flor já murcha e o ovário iniciando seu desenvolvimento... O cultivador, que me pediu anonimato, já havia feito auto-fecundação.

Compreender...compreendo, mas fica coçando aquela pulga atrás da orelha. Como todos sabem, paciência é virtude de orquidófilo. Será que só daqui a cinco anos poderei publicar o lindo artigo que projetei, recheado de fotos dos mais diversos sanhaços ?...

Roberto Agnes

Porque não gosto de *Cattleya labiata autumnalis*.

Raimundo Mesquita*



C. labiata "Serra Negra"

Cultivo e foto A. Pessoa

Alguns números atrás Carlos A.A. Gouveia, sugeriu que se seguisse o exemplo do Bulletin, da American Orchid Society, e que a Editoria cedesse espaço para que pudessemos falar das nossas predileções orquidófilas.

Veio-me, então a ideia de que poderíamos falar, também, das nossas não predileções e me propus a abrir a série começando, logo com *Cattleya labiata autumnalis* Ldl.

Devo reconhecer que a falha deve ser minha, mas não consigo gostar de *Cattleya labiata autumnalis* Ldl.



C. labiata "Ceará Girl"

Cultivo e foto: Alvaro Pessoa

Logo dela, que, depois de *Laelia purpurata* Ldl., é a segunda flor nacional do Brasil, e que desperta igual paixão formando também uma categoria especial de cultivadores, melhor, de iniciados, os labiateiros (assim como os há, purpureateiros...), e que gera amizades ou inimizades eternas, ou, melhor dizendo e parafraseando o poeta Vinicius de Moraes, eternas enquanto durem e que só duram desde que o fraterno e perpétuo amigo se disponha a operar aquele tão ansiado corte da rara variedade. E que se desfaz, como bolha de sabão, quando aquele mesmo amigo eterno se atreve a dizer que sua planta ainda não permite divisão, ou, pior ainda, quando cede uma gema ao talho herético

de um vulgar meristema.

Mas, eu ia, para tentar explicar, buscar as razões do meu não gostar da flor e não falar da sociedade secreta dos seus cultivadores.

Reconheço, repetindo, que a deficiência deve ser minha, não tendo sabido ou aprendido a gostar desta flor ilustre e de tanta importância na história da orquidofilia intencional.

O gosto florístico é mutável, como são a moda e tantos outros fatos sociais. Ao que parece, anda algo em baixa a seção **Labiata** (veja em Orquidário, vol. 3, n. 1, pág. 11, o artigo desse grande especialista do gênero *Cattleya*, que é Carl Withner). Isso, talvez, possa explicar o meu pouco entusiasmo por essa flor.

Comprovações? Recorrendo ao RHS Information System, anoto que parece de toda evidência que o gosto por esse tipo de flor, tem momentos de grande intensidade e instantes de acentuada baixa de interesse, como num movimento de sístole/diástole, o que se vê bem pela análise dos números de registros, no International Register, da progênie de *Cattleya labiata*, seja contribuindo com o polen, seja com o ovário:

a) no período que medeia entre 1856(quando registrado o seu primeiro híbrido) e 1910, foram registrados 39 híbridos, sendo 7 só neste último ano, como que prenunciando o período seguinte, que, como vai se ver, foi a primeira "idade de ouro" da *Cattleya labiata*,

b) entre 1911 e 1930, foram 127 os registros, sendo interessante verificar que, no ano de 1914, quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial tem-se um pico de registros, o que se repete em 1939, ano em que começa a 2ª, o que é, pelo menos, uma confortante evidência de que, mesmo durante épocas de tantos desvarios, essa atividade que mostra um dos lados bons do ser humano não cessou, antes intensificou-se;

c) outro período de ouro vai de 1941 a 1960, com 101 registros;

d) já de 1961 para cá, nota-se uma acentuada queda de prestígio no trabalho dos hibridadores, com apenas 51 registros, em mais de 20 anos.

É claro que sei como são falazes as análises estatísticas. Há mil razões, sei, para explicar o fato, desde a presença de condicionantes econômicas, até um renovado retorno de interesse por espécies. Mas é inquestionável que a esse decréscimo de interesse corresponde um crescente entusiasmo por plantas menores, sobretudo as mini-Cattleyas, de que é marcante exemplo a brilhante geração das Hazel Boyd.

Analisando, também, por outro ângulo, e tendo em conta que os cultores só se interessam por espécies, busquei a única fonte de referência disponível e verifiquei, nos mais recentes números da Awards Quaterly, a prestigiosa revista da American Orchid Society, cada vez menor frequência do grupo das **Labiatas** e seus híbridos nas exposições e, consequentemente, nas premiações (no que pese a presença, no último número recebido, correspondente ao 4º trim. de 1992, a presença de uma admirável *Cattleya labiata* 'Sherwood Forest', que azealhou um AM/AOS, de 84 pontos...).



C. labiata 'Orlando' Cultivo e foto A. Pessoa

As razões, quem sabe? Talvez cansaço porque essa planta já frequenta a orquidofilia internacional há mais de 100 anos e não é muito fácil de cultivar fora dos trópicos como, ainda, por ocupar muito espaço com seu crescimento generoso e selvagem, quando bem cultivada.

Isto, porém, não me satisfaz, como explicação, para a minha falta de entusiasmo. Moro no trópico, disponho de espaço, não cultivo mal as que tenho, mas, confesso, elas não me tocam, como me agradam outras Cattleyas, das

que poderíamos incluir num grupo pitoresco chamado das "enjeitadas": algumas da Seção das Estelata, *luteola*, *araguaiensis* e de outras, das Seções Guttatae e Granulosae, do subgênero Falcatta, *schilleriana*, *aclandiae*, *amethys-toglossa*, *granulosa*, *guttata*, das Lelioidea, *dormanniana* das do subgrupo Rizanthemum, *walkerana*, *nobilior* e *dolosa* etc., todas que me agradam muito, algumas por sua aparência dura e selvagem. Meu gosto, também, se inclina para flores de tamanho menor, com substância mais pesada e mais densa.



C. labiata albina 'Madalena'

Cultivo e foto: Alvaro Pessoa

Confesso, a minha paixão são flores pequenas, de forma requintada e cores não digo intensas, mas fortes. Os albos, rosa, magenta, certos cerúleos, tudo que é a constante das labiata me deixam frio, ainda que, racionalmente, possa distinguir uma labiata especial, o que é raro nessa planta, que produz, no geral, flores mediocres.

Em suma, gosto de flores algo agrestes, e, por isto, não me toca, ou melhor, não me comove essa flor paradoxal, que nascida nas adustas paisagens do Nordeste do Brasil, é tão delicada e de aparência tão frágil.

Perdoem-me, pois, os cultores da planta e os editores desta revista, mas eu não consigo gostar muito da *Cattleya labiata autumnalis* Ldl. Certamente por deficiência minha, porque o meu gosto florístico ainda não se desenvolveu o suficiente para aprender a sutil aventura que é encontrar, na unidade de uma mesma flor, a diversidade das variantes de cor que rege a especial "nomenclatura" orquidófila dos seus secretos cultores.

Tendo, porém, visto a presente sequência

fotográfica de Alvaro Pessoa, acho que, por fim, encontrei a razão do meu desentusiasmo. A boa e bela labiata é aquela que está escondida no circuito secreto dos iniciados: aquela que ninguém, profano, consegue ver (bem a propósito vejam o nome cultivar de uma delas, *Cattleya labiata autumnalis* 'Oculta'...)



Cattleya labiata 'Oculta'.

Foto e cultivo: Alvaro Pessoa

Why I don't like labiatas

A bit of humor...The Author says that he doesn't like *Cattleya labiata autumnalis* Lidl. But I believe that he dearly loves this plant. Showing a knowledge of the history and evolution of culture and breeding, he identifies the moments of grandeur of this flower in the beginning of this century and in the years 1940/60, after about 140 years of cultivation. In the end, he says that the good labiatas are hidden by the "labiateiros" (*C. labiata* growers), and it is for that reason that he doesn't like *Cattleya labiata autumnalis* Ldl... .

Editor

A *Cattleya labiata* foi introduzida em cultivo por B. Swainson em 1818, que dizia tê-la coletado na Serra dos Órgãos. Nunca foi encontrada ali. É possível que ele tenha coletado uma *warneri*, que, aliás é considerada por muitos botânicos importantes, entre os quais o brasileiro Francisco Miranda, como uma variedade intraespecífica da *Cat. labiata*, como aliás, todas as outras dessa importante seção (*mossiae*, *warscewiczii*, *trianae*, *dowiana*, etc) Sin. *Cattleya lemoniana* Lindley.

Descrita por John Lindley, em 18921, na



C. labiata 'Rainha' Cultivo e foto: Alvaro Pessoa

Cattleyas gêmeas:

Cattleya warneri Moore e *Cattleya labiata* Lindley

L.C. Menezes*



Cattleya labiata autumnalis Lou Menezes - Uruburetama, Ce. Foto e cultivo: L.C. Menezes.

Exaustivamente tratada e discutida como espécie independente, notadamente nas sociedades orquidófilas, bem como por alguns estudiosos, sabe-se que, botanicamente falando, a *Cattleya warneri* Moore do sudeste brasileiro é melhor compreendida como sendo uma variedade ecológica da *Cattleya labiata* Lindley do nordeste brasileiro.

O saudoso orquidófilo brasileiro Guido Pabst considerava a *C. warneri* como uma falsa espécie e, por conseguinte, deveria ser tratada como uma variedade da espécie nordestina, ou seja *C. labiata* var. *warneri* (T Moore) Veitch. A imersão de flores de *C. labiata* e de *C. warneri* em álcool e a impossibilidade de separá-las e identificá-las após terem sido descoloridas e dessecadas, servia de sólida argumentação ao autor de Orchidaceae Brasilienses para convencer aqueles que o contradissem.

Na literatura do passado (Martius, Flora Brasiliensis, vol. 3, 1898) a espécie em questão é, também, mencionada como sendo uma variedade da

C. labiata Lindley, i.e. *C. labiata* var. *warneri* O'Brien, tratamento este dispensado à maioria das *Cattleyas* unifoliadas, tais como: var. *dowiana* Veitch; var. *gaskelliana* Veitch; var. *mendellii* Reich.f.; var. *lueddemanniana* Reich.f.; var. *schroederiae* Sander; var. *trianae* Duchtr. e var. *warscewiczii* Reich.f.

Comumente na forma e no colorido dos labelos, particularmente no que diz respeito aos desenhos ou manchas purpúreas sobre a superfície dos mesmos, além de inacurados conhecimentos sobre épocas de floração, bem como de algumas estruturas vegetativas, tem levado orquidófilos e, até, alguns estudiosos a estabelecer variedades e/ou espécies sem o devido uso de uma circunstanciada análise morfológica.

Neste aspecto, alguns autores tem usado inadvertidamente a ocorrência de espata dupla em *Cattleyas* unifoliadas, mais precisamente em *C. labiata* Lindley., como um válido dado taxonômico, dito, ainda, já geneticamente fixado, capaz de diferencia-la das demais unifoliadas da seção *labiata*.

Lamentavelmente as pesquisas de gabinete, têm, negligentemente, levado ao ostracismo o estudo dos habitats das espécies, nos quais as populações poderiam ser cuidadosamente observadas e estudadas assim como suas interações com o meio ambiente.

Livros compilados baseando-se, exclusivamente, em conhecimentos contidos na literatura do passado ou, ainda, em imprecisas informações de orquidófilos cujas atividades restringem-se, simplesmente, ao cultivo de espécies, têm sido responsáveis por afirmações errôneas, fruto incontestemente de conclusões apressadas, além do risco de perpetuarem erros crassos.

Nossas pesquisas envolvendo a *C. labiata* e a *C. warneri*, que já se prolongam por mais de oito anos, quer seja em seus respectivos habitats, bem como cultivando centenas de plantas isoladas em grupos, de acordo com a ocorrência geográfica de seus habitats, tornou possível, após acuradas observações e paciente coleta de dados, a elaboração de um estudo que nos permita conhecer, satisfatoriamente, ambas as *Cattleyas*.

Dentre algumas observações registradas sobre as citadas *Cattleyas* e que nos parecem merecer especial atenção devido a abordagens errôneas em estudos de alguns autores, refere-se à ocorrência de espatas simples e duplas. Constatamos que, tanto em *C. labiata* quanto em *C. warneri*, a existência de espata simples e dupla é uma ocorrência normal, sendo que, muitas vezes, numa mesma planta florida observamos espata simples num pseudobulbo e dupla em outro. Por outro lado, também registramos o fenômeno de plantas alternando, anualmente, suas florações através de espatas simples e duplas, além de outras que flociam sempre de espata simples ou de espata dupla.

Levando-se em consideração que as observações acima mencionadas foram verificadas em plantas de diferentes habitats e independentemente de sua distribuição geográfica, i. e., Habitats do nordeste e do sudeste brasileiros, parece evidente que o fenômeno de espatas simples e duplas em *C. labiata* e *C. warneri* esteja ligado à instabilidade genética, ficando claro que plantas florindo sempre de espata simples ou de espata dupla já tenham fixado esse caráter. Nossa hipótese é reforçada pelo fato de que ambas as *Cattleyas* sejam recentes na escala da evolução, encontrando-se, por conseguinte, no processo de fixação de seus caracteres genéticos.

Analisando-se as duas *Cattleyas* brasileiras dentro de um contexto evolucionário e considerando-se suas populações do nordeste e do sudeste como um todo, são passíveis de real diferenciação morfocromática apenas as populações existentes no estado do Ceará, mais precisamente, aquelas das serras de Uruburetama e Meruoca. As flores menores e fortemente coloridas dessas populações (suprimento mineral?!) contrastando com as demais populações de outros estados brasileiros, tanto do nordeste quanto do sudeste, parecem evidenciar uma evolução independente.

No que diz respeito às demais populações, ou seja, aquelas dos estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais, as diferenças, notadamente florais (colorido, tamanho e armação), a pesar de detectáveis pelo olho clínico orquidófilo, botanicamente não são apreciadas, mas consideradas como insignificantes ou desprezíveis. Desconhecendo-se suas origens, é possível confundir-se flores de *C. labiata* de plantas dos estados da Paraíba, Pernambuco e Alagoas, com flores de plantas de *C. warneri*, notadamente do sudoeste da Bahia e vice-versa, mas nunca com flores de plantas de *C. labiata* do Ceará.



Cattleya warneri coerulesa-ES

Foto e cultivo: L. C. Menezes.

Em síntese, queremos dizer que, excetuando-se as populações de plantas de *C. labiata* do estado do Ceará, o restante das populações tratadas em conjunto (*Cattleya labiata* e *Cattleya warneri*) não apresentam ainda uma evolução independente passível de ser detectada por suas características peculiares, apesar das populações nordestinas (*C. labiata*), dos estados de Alagoas, Pernambuco e Paraíba, formarem um conjunto populacional geograficamente isolado do conjunto populacional do sudeste (*C. warneri*) e vice-versa.

Levando-se em conta seus isolamentos geográficos e suas distintas condições ambientais, pode-se somente prever que uma evolução independente poderá manifestar-se no futuro ou, quem sabe, esteja em via de manifestar-se, originando espécies distintas.

A pesar das considerações de ordem botânica mencionadas neste texto, não se pode negar que, para propósitos horticulturais, as diferenças de morfologia e época de floração existentes entre a *C. warneri* e a *C. labiata* sejam suficientes para que os orquidófilos as tratem como espécies distintas.

As argumentações orquidófilas baseiam-se, fundamentalmente, no seguinte: a) tanto as flores, quanto as plantas de *C. warneri* são, normalmente de maiores dimensões do que aquelas de *C. labiata*; b) as flores de *C. warneri*, usualmente, apresentam uma característica peculiar em sua armação, ou seja, as pétalas apresentam suas extremidades caídas, o que é conhecido, no meio orquidófilo, como "asas de urubu", ou "orelhas de burro"; c) época de floração, com a *C. warneri* florindo, abundantemente, nos meses de setembro e outubro (inverno/primavera brasileiros) e a *C. labiata*, em fevereiro e março (verão/outono brasileiros).

Deve, contudo, ressaltar-se que as diferenças, acima citadas, estão intrinsecamente associadas ao fotoperiodismo e umidade, particularmente distintos nas regiões de ocorrência das duas *Cattleyas*.

Fora de seus habitats ou de suas áreas geográficas de ocorrência, tais características de diferenciação tendem a ser consideravelmente minimizadas. Como exemplo, podemos citar nossas coleções de *C. warneri* e *C. labiata*, em Brasília, situada na região do centro-oeste brasileiro, cujas plantas florescem, conjuntamente, nos meses de novembro e dezembro (primavera/verão brasileiros)

minarem no início de janeiro (verão brasileiro), enquanto a *C. labiata* apresenta suas primeiras plantas floridas no início de novembro (primavera brasileira) e as últimas no final de março e início de abril (outono brasileiro).

Entretanto, a grande floração de *C. labiata*, em Brasília, registra-se nos meses de dezembro e janeiro e a de *C. warneri* nos meses de outubro e novembro.

Finalizando, concluímos ser de todo impossível desconhecer-se a nobre causa orquidófila que impôs, através dos tempos e por gerações, uma tradição de cultivo que determina tratamento separado para as *C. warneri* e *C. labiata*.

Mapa de Distribuição geográfica Geographical Distribution Map



*SQS 103, Bloco E, Apto 105
Brasília, DF -70342-050.

ABSTRACT

Although it has been thoroughly discussed and treated by the orchidophiles and their various clubs, as well as by some orchidologists, as an independent species, technically speaking *C. warneri* Moore from the Brazilian southeast is best classified as an ecological variety of *Cattleya labiata autumnalis* Lindl. from the Brazilian northeast. Guido Pabst, the late Brazilian orchidologist, believed that *C. warneri* was not a valid species and should be treated as a variety of - its correct appellation therefore being "*C. labiata* var. *warneri* (T. Moore) Veitch". In support of his opinion Pabst immersed flowers of *C. labiata* and *C. warneri* in alcohol until both were completely discolored. After desiccation it was quite impossible to tell one from the other which gave force to the argument of the learned author of *Orchidaceae Brasilienses* and shows the dangers inherent in armchair orchidologists basing their diagnoses only on dried herbarium specimens.

The most comprehensive of the old authorities, Alfred Cogniaux, classified *C. warneri* as *C. labiata* var. *warneri* O'Brien. (*Flora Brasiliensis*, Vol. III, Pars V, 229/233). We must however point out that Cogniaux accorded the same treatment to the majority of unifoliate *Cattleyas* using appellations such as: var. *dowiana* Veitch, var. *gaskelliana* Veitch, var. *mendellii*, var. *lueddemanniana* Reich. f., var. *schroderae* Sander, var. *trianae* Duchtr., and var. *warcewiczii* Reich. f.

Commonly differences in the shape and color of the labella, particularly with regard to the purple designs or blotches on their surfaces, as well as inaccurate knowledge of correct flowering times or vegetative structures have led orchidophiles and even some orchidologists to establish varieties or even species without any real morphological analysis. In this way some recent authors save the occurrence of a double sheath in the unifoliate *Cattleyas*, specifically in the case of , as a valid characteristic supposedly genetically fixed and differentiating it from the other *Cattleyas* of the *Labiata* Section.

Regrettably the armchair botanists have also led to a general neglect of the study of habitats of various species where their populations could be carefully observed as well as an evaluation made of their reactions to various environmental previous authors or obtained from orchidophiles whose activities have been limited to the cultivation of species have frequently been responsible for wrong conclusions and in many cases for the propagation of erroneous deductions.

Our researches concerning *C. labiata* and *C. warneri* have been pursued for more than eight years and have involved numerous field trips to various habitats as well as the cultivation of literally hundreds of plants segregated into groups according to their geographic habitats. Accurate personal observations and the patient recording of detailed collecting data permitted the elaboration of a study that

provided much new and accurate knowledge concerning the two *Cattleyas* in question.

One of the subjects arising out of our studies that merits special mention is the occurrence of single or double sheaths which has recently been treated erroneously and to which undue importance has been attached. From our very considerable experience we can now testify that in both *Cattleyas* (*C. labiata* and *C. warneri*) the existence of single or double sheaths is a normal occurrence as evidenced by the fact that we often encountered on the same plant a pseudobulb bearing a single sheath and another pseudobulb bearing a double one. At the same time we have alternated single and double sheaths from one year to the next, on the other hand, some plants consistently produce single or double sheaths as the case may be. Bearing in mind that these observations hold good in a general way for plants originating in different habitats from separate geographic areas i.e. both the northeast and the southeast, it seems clear that the phenomenon of single and double sheaths must be connected with a state of genetic instability. Obviously plants that always flower with a single or with a double sheath have already fixed this genetic characteristic.

Our hypothesis is reinforced by the fact that both *Cattleyas* are recent on the evolutionary scale and therefore in the process of fixing their genetic characteristics.

Analyzing the two Brazilian *Cattleyas* in an evolutionary context and considering the populations of the northeast and of the southeast as a whole a real morphochromatic differentiation can only be made in the case of certain populations found in the State of Ceará - more particularly those from the hills of Uruburetama and Meruoca the smaller flowers and brighter colors shown in these populations, possibly due to a particular mineral supply contrast markedly with the northeast and the southeast - this seems to indicate a separate evolution. With regard to the remaining populations, i.e. those of the States of Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Espírito Santo and Minas Gerais the differences are botanically speaking insignificant or negligible although they may be recognizable to the eyes of an experienced orchidophile. nevertheless it must be said that being ignorant of the habitat of the plants in question it is not difficult to confuse the flowers of *C. labiata* from Paraíba, Pernambuco and Alagoas States with flowers of *C. warneri* plants - notably those from Bahia (South and Southwest) and vice versa - but this will never occur with plants from the State of Ceará.

To sum up we wish to say that excluding the populations of plants of from the State of Ceará the remaining populations treated as a whole (*C. labiata* and *C. warneri*) do not present any independent evolution identifiable by their particular characteristics. This in spite of the fact that the northeastern populations of *C. labiata* from the States of Alagoas, Pernambuco and Paraíba form a populational entity completely isolated from the populations of the southeast (*C. warneri*) and vice versa.

Bearing in mind the geographical isolation and different environmental conditions we can only assume that an independent

evolution will eventually manifest itself in the future, if it is not already in process, resulting in the creation of new species.

In spite of the botanical considerations mentioned above in our text we cannot deny that for horticultural purposes the morphological differences in flowering period between *C. labiata* and *C. warneri* are sufficiently marked to justify the orchidophiles treating them as different species. The argument of the orchidophiles is based on the following facts:

- a) The flowers and plants of *C. warneri* are normally larger than those of *C. labiata*.
- b) The flowers of *C. warneri* usually have a peculiar characteristic in their arming - the petals presenting their extremities drooping in a peculiar way known as 'asas de urubu' (vultures wings) or 'orelhas de burro' (donkeys ears).
- c) Marked differences in flowering season with the height of the flowering season of *C. warneri* occurring September/October (Brazilian winter/ spring) whilst in the case of *C. labiata* this occurs in February/March (Brazilian summer/autumn). However, it must be said that these differences are associated with photoperiodicity and humidity which vary in the natural habitats of the two species. Removed from their natural habitats and geographical areas such characteristics of differentiation are likely to be considerably altered. Illustrating this last point we can cite from our collection of plants of the two species involved growing in Brasília (Brazilian Central Plateau) where both plants flower together in November/December (Brazilian Spring/Summer) in spite of *C. warneri* beginning to bloom in September and finishing in early January. The plants of *C. labiata* present their first flowers in early November and their last ones at the beginning of March. However we must repeat that the peak of flowering of in Brasília does occur in December/January and that of *C. warneri* in October/ November.



C. labiata Jerimote

Foto e cultivo: L. C. Menezes



C. warneri coerulea - Pernambuco

Cultivo e foto: L. C. Menezes



C. warneri 'Renato de Paula' - Bahia

Cultivo e foto: L. C. Menezes



C. warneri - Minas Gerais

Cultivo e foto: L. C. Menezes

In conclusion we find it practically impossible not to recognized the plausible cause of the orchidophiles which through many ages of cultivation of the two *Cattleyas* has separated the *C. warneri* from the *C. labiata*

UMA NOVA ESPÉCIE DE *PABSTIA* DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Vitorino Paiva de Castro Neto*

INTRODUÇÃO

Tendo iniciado o estudo sistemático do gênero *Pabstia* e conseguido esclarecer as várias descrições de espécies até então existentes, não poderia imaginar que outra espécie pudesse ser encontrada. É bem provável que com o estudo e dedicação de orquidófilos e botânicos muitas outras espécies de outros gêneros sejam encontradas e descritas. Foi em dezembro de 1991, que em visita ao orquidário do eminente orquidófilo V. Schunk, que vi algumas *Pabstias* floridas e como estou estudando este gênero, me interessei em analisá-las; pensei inicialmente tratar-se de *Pabstia modestior* (Reichb.F.) Garay, (1) (2) pelo tamanho pequeno das flores e pensei em adquiri-las para comparar com as espécies do sul do Brasil (S. Paulo, Paraná, S. Catarina e Rio Grande do Sul). Comparando depois como

material que possuo pude constatar que se tratava de uma nova espécie, à qual dei o nome de *Pabstia schunkeana* em homenagem ao emérito orquidófilo Vital Schunk.

DESCRIÇÃO DA ESPÉCIE

Pabstia schunkeana P. Castro n.sp.

Herba epiphytica, racidibus, flexuosis, glabris, albis, rhizoma, valde abbreviatum, pseudobulbi, ovati, latera compressi, 4,0-5,0 cm. longi, 2,0cm. lati, bifoliati, folia, angustate-lanceolata, 18-20cm. longa, 3,9-3,3cm. lata, sepala dorsalis, oblongo-acuta, apicis leviter conchati, 2,6cm longa, 1,2 cm. lata, viridis, sepalae laterales, oblongo-acuta, assymetrica, 2,7 cm. longae, 1,0 cm. latae, viridis



Pabstia schunkeana

Foto e cultivo: Vitorino P. Castro Neto

petalae, elíptico-acuminatae, assymetricae, 2,2 cm. longae, 0,7cm. latae, viridis purpurae maculatae, labelum, trilobatum, album cum strias coeruleas inter lobi laterali, 1,5cm. longi, 0,8-0,9cm. lati, lobi laterali, quadri, 0,5cm, longi 0,9-1,0cm. lati inter extremitatum loborum, lobus centralis, triangularis, 0,4cm. longus, 0,7cm. latus, cum calus denticulatus in crista formis inter lobi laterali et lobus centralis, columna, alba, 1,6cm, longa, 0,5cm lata.

Planta epífita ou húmida de 20-25cm de comprimento, raízes, glabras, flexuosas, alvacentas, de 2,5cm, de espessura, rizoma, bastante curto, pseudobulbos, oval lateralmente compressos e afunilando na extremidade, de 4-5cm de comprimento por 2,0cm de largura, normalmente com duas folhas apicais, em parte recoberto pelas bainhas das folhas basílares, folhas, anguste lanceoladas, flexíveis, de superfície lisa, com três venulações patentes na face inferior, de 18-20cm de comprimento por 3,0-3,5cm de largura, folha basílares, como as folhas apicais, de 10cm. de comprimento por 1,5cm de largura, inflorescência, base dos pseudobulbos, erecta, de 5,0-8,0cm de comprimento com 2,0cm de espessura com floração junto com o broto novo, bractea floral, envolvendo o pedicelo, aconchavada de 3,0cm de comprimento por 1,5cm de largura, ovário, pedicelado, de 1,8cm de comprimento por 2,0-2,5mm de espessura, flores, uma ou duas, com 3,5-4,0cm. de diâmetro, sepala dorsal, elíptica alongada, ligeiramente aconchavada no ápice, de 2,6cm de comprimento por 1,2cm de largura, de cor verde claro, sepala laterais, conrescidas com a base da coluna com a qual forma um pequeno mento, elíptico alongado, assimétrica, ligeiramente aconchavadas, de 2,7cm. de comprimento por 1,0cm. de largura, com igual a cepala dorsal, petalas, elíptico assimétrica alongadas, ápice agudo, de 2, 2 cm de comprimento por 0,7cm de largura, de cor verde com manchas púrpuras junto a base e se espalhando em pintas que vão ficando mais espaçadas em direção ao ápice, labelo, nitidamente trilobado de 1,5cm de comprimento por 0,8-0,9cm de largura com unguículo de

0,3cm de comprimento por 0,1cm de largura, lobos laterais, quadrados com arestas arredondadas, de 0,5cm de comprimento por 0,9-1,0cm de uma extremidade a outra dos lobos, se dispondo em forma aconchavada paralelas entre si e perpendicular ao lobo mediano, lobo mediano, triangular de 0,4cm de comprimento, da base da crista ao ápice, por 0,7cm de largura, os extremos laterais ligeiramente recurvados para baixo, na interseção com os lobos laterais apresenta uma crista serrilhada em forma de "V" que se estende em direção as extremidades dos lobos laterais, das cristas em direção ao unguículo partem ligeiras venulações de cor "coerulea", paralelas entre si e ao eixo do labelo, coluna, branca de 1,6cm de comprimento por 0,5cm de largura no estigma, na base alongada formando um pequeno mento, estigma, glabro, rostelo, com cornos laterais virados para cima, antera, em forma de capuz, bilobadas, políneas, 2, brancas com longo caudículo.

HABITAT: Brasil, Estado do Espírito Santo, município de Domingos Martins, em matas úmidas e sombrias, a uma altitude de 800-1000m.

COLETOR: Vital Schunk, em dezembro de 1991. Floriu em cultivo em janeiro de 1992

HOLOTYPUS: SP

DISCUSSÃO:

A *Pabstia schunkeana* é uma *Pabstia* de flor pequena entre as espécies do gênero, comparável em tamanho a *Pabstia modestior*, mas logo se percebe uma série de diferenças entre os componentes florais a saber: as pétalas e sépalas são muito mais longas e estreitas em *Pabstia schunkeana* do que em *Pabstia modestior*, coluna mais comprida e calcar menor em *Pabstia schunkeana* do que em *Pabstia modestior*, o labelo é também bastante diferente, apresentando o lobo mediano plano com as extremidades transversais ligeiramente recurvadas para baixo em *Pabstia schunkeana*, enquanto *Pabstia modestior* apresenta o lobo

mediano um pouco aconchavado com apículo recurvado para cima. *Pabstia schunkeana* se diferencia de *Pabstia viridis* (Lindl.) Garay (1) (3) pelo tamanho da flor que é de 3,5cm (entre as sépalas), em *Pabstia schunkeana* enquanto que este é de 5,0cm em *Pabstia viridis*, o lobo mediano do labelo tem quase comprimento igual a largura em *Pabstia schunkeana* enquanto a largura chega a ser quase o dobro em relação ao comprimento em *Pabstia viridis*. *Pabstia schunkeana* apresenta uma crista serrilhada em forma de "V" entre o lobo mediano e os laterais bem diferentes de *Pabstia viridis*, o rostelo da coluna em *Pabstia schunkeana* apresenta duas pequenas asas laterais viradas para cima, enquanto que em *Pabstia viridis* estas são menos proeminentes e laterais, as pétalas e sépalas são bem menores e de formato bem diferentes. Uma outra *Pabstia* com a qual seria interessante comparar é a *Pabstia triptera* (Rolfe) Garay (1) (4), no caso de *Pabstia triptera* esta também é bem maior do que *Pabstia schunkeana*, as pétalas e sépalas são bem esplanadas (característica de *Pabstia triptera*) e as pétalas bem maiores e mais largas, o lobo mediano é mais comprido do que largo (característica de *Pabstia triptera*) e o dobro do tamanho de *Pabstia schunkeana*, os lobos laterais são mais compridos do que largos em *Pabstia triptera*, enquanto que em *Pabstia schunkeana* estes tem o mesmo tamanho. Estes e outros detalhes mais, que podem ser vistos no desenho e fotos fazem de *Pabstia schunkeana* uma boa espécie.

BIBLIOGRAFIA

(1) - Bradea - Vol. pg. 301-308 (1973) - Garay, LA. - Studies in American Orchids - VIII.

(2) - Bot.Reg - 18: t. 1510, 1832 - Lindl. - *Maxillaria viridis*

(3) - Kew Bull. - 34, 1906 - Rolfe - *Colax tripterus*

* Círculo Paulista de Orquidófilos - Rua Alvares Machado, 41-20 andar - conj. B-C-D-S.Paulo (SP).

Having initiated a systematic study of genus *Pabstia*, with the object of clarifying the various existing descriptions, the thought of another species being discovered seemed rather remote. In December 1991, while visiting the greenhouses of the eminent orchidologist, Mr. Vital Schunk, I came across a number of *Pabstia* in flower. After some analysis I came to the conclusion that they could be examples of *Pabstia modestior* (Reichb. F.) Garay (1) (2) and purchased them in order to be able to compare the flowers with species endemic to the south of Brasil (São Paulo, Paraná, Santa Catarina and Rio Grande do Sul). After comparisons were made I was able to conclude that the plants were of a new species to which I have attributed the name *Pabstia schunkeana* in honour of Mr. v. Schunk.

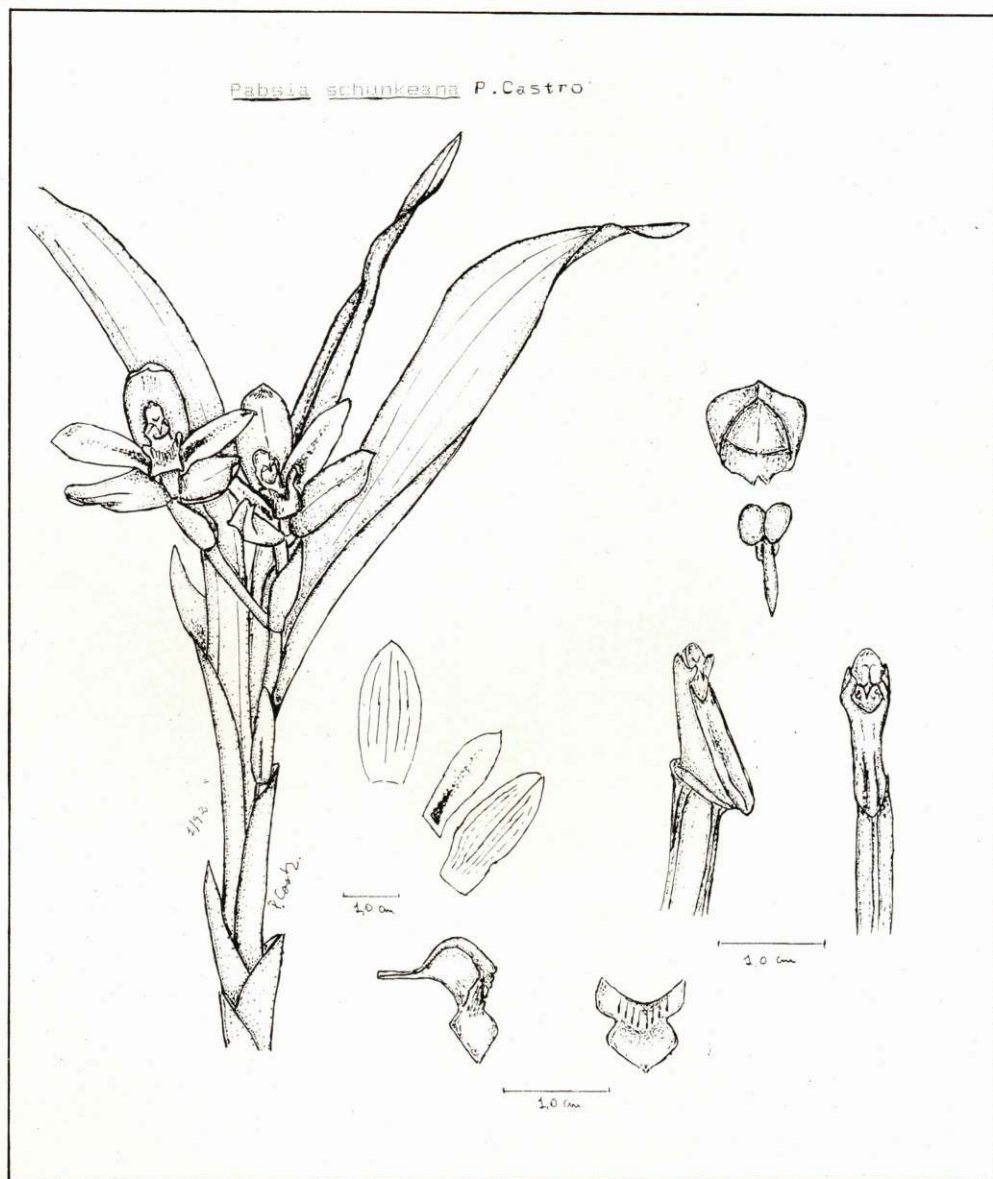
Pabstia schunkeana is one of the smaller flowered species within the genus, comparable with *Pabstia modestior*. On closer inspection one notices a number of differences between the two species, in *Pabstia schunkeana* the petals and sepals are longer and narrower, the column is longer and the heel shorter than in *Pabstia modestior*. The labelum also presents a number of differences; the labelum of *Pabstia schunkeana* has a flat mid lobe and the transversal extremities curve downwards, in *Pabstia modestior* the labelum has a concave mid lobe and the extremities curve upwards.

Pabstia schunkeana differs from *Pabstia viridis* (Lindl.) Garay (1) (3) in flower size, the flowers of the first rarely exceed 3.5cm in diameter while those of the second measure approximately 5cm across. The mid lobe of the labellum in *Pabstia schunkeana* is as long as it is wide whereas in *Pabstia viridis* the width of the lobe is almost twice its length. The labellum of *Pabstia schunkeana* also has a toothed, "V" shaped crest between the mid lobe and lateral lobes and the rostellum has two upturned wings which are somewhat longer than those found on the column of *Pabstia viridis*.

When compared with *Pabstia triptera* (Rolfe) Garay (1) (4) one notices that its flowers are larger than those of *Pabstia schunkeana*. This species has broader petals and sepals and they tend to be rather flat (a characteristic of the species). The mid lobe in the labelum of *Pabstia triptera* is twice the length of that of

Pabstia schunkeana and the lateral lobes are somewhat larger too.

Considering all the differences noted between the above mentioned species one can fairly conclude that *Pabstia schunkeana* is a new species.



Stanhopea Graveolens

Rudolf Jenny

Tradução Waldemar Scheliga

Stanhopea graveolens

Foto: Rudolf Jenny



Stanhopea graveolens Lindl.ey

Stanhopea graveolens Lindl.ey

Edwards's Botanical Register 26; misc. 125. 1840

Synonymie: *Stanhopea aurata* (Lindl.) Planchon (non *aurea* Loddiges)

Hortus Donatensis 1858: 216

Stanhopea graveolens Klotzsch ex Rochb.f.

Xenia Orchidacea 1: 118. 1855

nenhuma taxa, interpretação errônea, veja

Stanhopea connata Klotzsch

Stanhopea graveolens var. *aurata* Lindl.

folia Orchidacea 1852, *Stanhopea* 4

Stanhopea graveolens var. *concolor*

Porsch

Denkschriften der Kais. Akademie d. Wissenschaften, Math.-Nat.-Klasse 79:

1. Halbband. 129. 1908

Syb. zu *Stanhopea lietzei* Schltr.

Stanhopea graveolens var. *lietzei* Regel

Gartenflora 40: 201. 1891

Syn. zu *Stanhopea lietzei* Schltr.

Stanhopea graveolens var. *straminea* Prsch

Denkschriften der Kais. Akademie d. Wissenschaften, Math.-Nat.-Klasse 79:

1. Halbband. 129. 1908

Syn. zu *Stanhopea lietzei* Schltr.

Stanhopea venusta Lindley (nomen nudum)

Edwards's Botanical Register 27: misc. 31. 1841

Stanhopea venusta hort. ex Planchon Hortus Donatensis 1858: 216

Stanhopea wardii var. *froebeliana* Cogniaux

Dictionnaire Iconographique des Orchidées 1904: t. 2b

Stanhopea wardii var. *venusta* Lindley (non Rolfe)

Folia Orchidacea 1852: 4 (in nota)

??*Stanhopea wardii* var. *venusta* Rolfe (non Lindley)

Lindenia 7: 315. 1891

Literatura (excerto)

AMES, O. & D.S. CORRELL: Fieldiana Botany 26: 536 1953

COGNIAUX, A.: Martius Flora Brasiliensis 3: part V. 531. 1902

COGNIAUX, A.: Dictionnaire Iconographique des Orchidées 1902: t. 4 & 1904: t. 2b

DODSON, C.H.: American Orchid Society Bulletin 32: 115. 1963

DODSON, C.H.: Selbyana 1: 48. 1975

DODSON, C.H. & G.P. FRYMIRE: *Annals of the Missouri Botanical Garden* 48: 138. 1961

DUCHARTE, Manuel: *Manuel général des Plantes, Arbres et Arbustes* 4: 498. 1857.

ENDLICHER, S. & A. HARTINGER: *Paradisus Vindobonensis* 1844-1868.

HAMER, F.: *Orquideas de el Salvador* 2: 336. 1974

HAMER, F.: *Icones Plantarum Tropicarum* 12: t. 1186, 1984

HOEHNE, F.C.: *Flora Brasiliica* 12: part. 6. 157

JENNY, R.: *Die Orchidee* 40: 162. 1989 & 37: *Kulturkartei* 451-452, 1986.

KENNEDY, G.C.: *Orchid Digest* 39: 178. 1975

LEMAIRE, Ch.: *Flore des Serres* 2: t. 18. 1846

LINDLEY, J.: *Folia Orchidacea* 1852. *Stanhopea* 4

MOORE, T.: *Illustrations of Orchidaceous Plants* 1857: *Stanhopea* 10

MORREN, Ch.: *Annales de la Société royale d'Agriculture et de Botanique de Gand* 2: 55, t. 54. 1846.

PLANCHON, J.: *Hortus Donatensis* 1858: 216

PORSCH, O.: *denkschriften der Kais. Akademie d. Wissenschaften, Math.-Nat.-Klasse* 79: 1. Halbband. 129. 1908

REGEL, E.: *Index Seminum Horti Petropolitani* 1856: 21

REFEL, E.: *Gartenflora* 40: 201. 1891

REICHENBACH, H.G. fil.: *Walpers Annales Botanices Systematicae* 6: 589. 1961

SCHWEINFURTH, Ch.: *Fieldiana botany* 30: 608. 1906.

WILLIAMS, L.: *Ceiba* 2: 242. 1951 & 5: 183. 1956

WOODSON, R.E.: *Annals of the Missouri Botanical Garden* 36: 54, 1949.

Histórico:

Stanhopea graveolens foi descrita por John LINDLEY no *Botanical Register* em 1840, baseado numa planta importada por W. HERBERT, pretensamente vinda do Peru e cultivada por TATE.

Na descrição LINDLEY mencionou especificamente o odor característico dessa espécie (daí presumir-se que tinha presente material vivo) e produziu do mesmo um *Tipus* com uma excelente e muito clara ilustração que infelizmente nunca foi publicada, mas até hoje se encontra no Herbario de Kew. Em 1852 LINDLEY mencionou a ilustração de uma planta do Brasil, pretensamente com o mesmo odor e características e aspectos morfológicos semelhantes, concluindo, daí, tratar-se igualmente de *Stanhopea graveolens*. Desde então, o nome de *Stanhopea graveolens* vem sendo ligado constantemente à planta brasileira.

Porém, o *Tipus* original de *Stanhopea graveolens* corresponde inteiramente a uma espécie do gênero *Stanhopea*, largamente disseminada no México e Guatemala e que, no passado, muitas vezes era identificada como sendo *Stanhopea wardii* Lodd. ex Lindley. Como havia, justamente, bastante material disponível do México e de Guatemala, Calaway DODSON em 1975 esclareceu os fatos. Segundo DODSON as *Stanhopeas wardii* mexicanas e guatemaltecas são plantas idênticas a *Stanhopea graveolens* de conformidade com o conceito de LINDLEY.

A verdadeira *Stanhopea wardii* sensu LINDLEY só se encontra ao Sul da Nicarágua e a *Stanhopea graveolens* sensu LINDLEY apenas ao Norte de Honduras. A planta aparentada do Brasil mencionada por LINDLEY é idêntica à *Stanhopea lietzei*. Schlechter. Porque LINDLEY em sua descrição original citou o Peru como país de origem da planta não pode ser esclarecido. Tudo indica tratar-se de um equívoco.

Por sua vez a *Stanhopea graveolens* estampada por LEMAIRES em 1846 na *Flore des Serres* é incontestavelmente idêntica à *lietzei*. Assim a planta ilustrada por MORREN em 1846 com o nome de *Stanhopea graveolens* também não é idêntica à nossa espécie e provavelmente se enquadra no conceito de *guttulata* de LINDEN. As variedades de *Stanhopea graveolens* descritas por vários autores brasileiros indubitavelmente se enquadram no conceito de *Stanhopea lietzei*.

Stanhopea graveolens não só é isolada geograficamente, como também do ponto de vista morfológico é claramente diferenciável de *Stanhopea wardii*. Esta tem flores consideravelmente menores, com uma expressiva mancha oculada no hipoquílio do labelo. Na *Stanhopea graveolens* falta essa mancha e as flores são cerca de um terço maiores. As espécies dos agentes polinizadores igualmente servem de critério para diferenciar as duas plantas.

Vários autores confundiram as duas espécies e, entre eles, DODSON que, na primeira revisão das espécies mexicanas, em 1963, publicou uma foto da verdadeira *Stanhopea graveolens* da região de Chiapas e, no mesmo texto, o desenho de *Stanhopea wardii* do sul da América Central. DODSON em 1963 partiu do pressuposto de que *Stanhopea graveolens* seria uma das muitas híbridas naturais com *Stanhopea wardii* e que a própria *Stanhopea wardii* existiria numa forma sulina com flores menores e mancha oculada e uma forma nortista sem manchas e flores maiores. Mais tarde, DODSON refutou essa opinião.

Em suas várias publicações sobre as orquídeas do México e da América Central, L.O. WILLIAMS sempre partiu do princípio de que *Stanhopea wardii* era originária do México. Conquanto, em 1951, não faça menção a *Stanhopea graveolens*, já em 1956 coloca-a como espécie autônoma ao lado de *Stanhopea wardii*.

WOODSON em 1949 ao elaborar a revisão das orquídeas do Panamá juntou *Stanhopea warszewicziana*, *Stanhopea lietzei* e *Stanhopea costaricensis* sob o nome de *Stanhopea graveolens* e manteve a espécie *wardii* como autônoma. Esse conceito L.O. WILLIAMS mais tarde (1956) manteve na Ceiba.

SCHWEINFURTH em sua Orchideenflora von Peru listou *Stanhopea graveolens* como espécie autônoma ao lado de *Stanhopea wardii* e citou como sinônimos *aurata* Beer (um nome totalmente desconhecido e provavelmente um nomen nudum) e *Stanhopea lietzei*, quando esta, com certeza, deve ser considerada como espécie autônoma. A propósito devemos lembrar que *Stanhopea graveolens* sensu LINDLEY, conforme hoje sabemos, com toda certeza não ocorre no Peru e SCHWEINFURTH provavelmente foi influenciado pela indicação errônea quanto a procedência da planta na descrição original.

AMES e CORREL citam para Guatemala *Stanhopea wardii* como espécie autônoma e *Stanhopea graveolens* como possível sinônimo para *oculata*. HAMER, por sua vez, apresenta *Stanhopea wardii* para El Salvador, porém, a ilustração mostra claramente uma *Stanhopea graveolens*.

Sob o nome de *Stanhopea graveolens* HOEHNE em sua Flora Brasílica reúne todas as espécies e variedades pertencentes à *Stanhopea lietzei*, inclusive *Stanhopea lietzei*. O mesmo comportamento, quarenta anos antes, já fora o de COGNIAUX em Flora Brasiliensis de Martius.

A *Stanhopea wardii* reproduzida no célebre Paradisus Vindobonensis é igualmente idêntica à *Stanhopea graveolens*.

Foi KENNEDY em seu completo trabalho sobre as espécies mexicanas de *Stanhopeas*, no Orchid Digest, 1975, que, corretamente, distinguiu as duas espécies. Ao mesmo tempo porém, KENNEDY menciona que em Chiapas as áreas de ocorrência de *Stanhopea graveolens* se sobrepõem com as de *oculata* e que portanto é evidente que existam algumas colônias de híbridos das duas espécies.

Em resumo, a situação atual do assunto se apresenta da seguinte maneira: *Stanhopea graveolens* Lindley só ocorre em Honduras, Guatemala, El Salvador e região Sul do México; não apresenta manchas oculadas no hipoquílio do labelo e produz flores maiores (ca., 1/3) do que *wardii*.

Stanhopea wardii Lodd. ex Lindl. só ocorre na Nicarágua, Costa Rica, Panamá, Norte da Colômbia e Venezuela, apresentando flores bem menores do que *Stanhopea graveolens* e sempre com uma mancha oculada de cada lado do hipoquílio.

Stanhopea lietzei Schlechter só ocorre no Brasil e abrange toda Taxa de variedades (acima mencionadas) descritas no Brasil sob o nome *Stanhopea graveolens*. *Stanhopea lietzei*

se distingue pelo hipoquílio em forma de saco terminando em ponta.

No caso de *Stanhopea graveolens* var. *aurata*, descrita por John LINDLEY em 1852, ao revisar o gênero em Folia Orchidacea, trata-se evidentemente de uma forma da espécie com colorido amarelo-damasco. Considerando que *Stanhopea graveolens* é extremamente variável na coloração, indo desde o alaranjado quase puro até o amarelo-damasco, com pintas vermelhas diminutas e mais ou menos nítidas e intensas, essa variedade certamente vem a ser apenas uma variante na coloração não uma variedade no próprio sentido da palavra. Essa variedade foi elevada por PLANCHON, em 1858, a uma espécie propriamente dita, com o nome *aurata*, PLANCHON igualmente colocou *Stanhopea wardii* var. *venusta* Lindley, na categoria de espécie com a denominação de *Stanhopea venusta* sem qualquer descrição e, posteriormente, em 1852, novamente citada por LINDLEY como *Stanhopea wardii* var. *venusta* e novamente sem uma descrição válida. No herbário de LINDLEY existe um exemplar correspondente com a indicação de origem: México 1839. Portanto, de maneira alguma poderia tratar-se de uma forma de *Stanhopea wardii*, mas sim, de *Stanhopea graveolens*. A *Stanhopea wardii* var. *venusta* descrita por ROLFE em 1891 na Lindenia, não se baseia em material de LINDLEY, mas em material de origem desconhecida da coleção de LINDEN de Gand (Bélgica). Esta variedade possivelmente pertence à *Stanhopea graveolens*, ou, quando muito, à *Stanhopea lietzei*.

Stanhopea wardii var. *froebeliana*, descrita e ilustrada por GOGNIAUX em 1904, igualmente é uma *Stanhopea graveolens*. A planta procedia da coleção de FROEBEL de Zurique, sendo porém desconhecida a sua origem. É interessante lembrar que COGNIAUX dois anos antes, na mesma obra, já tinha ilustrado a própria *Stanhopea graveolens*. Esta planta por sua vez veio da Guatemala.

Agente polinizadores:

Segundo DODSON, WILLIAMS & WHITTEN, conhecem-se os seguintes polinizadores:

Stanhopea graveolens: *euplusia mexicana*;

Stanhopea oculata: *Eufriesea coerulescens*, & *Eulaema cingulata*;

Stanhopea wardii: *Eulaema polychroma*, *Eugriesea chyrosopaga*, *Eufriesea concava*, *Eudriesea rufocauda*.

Disseminação:

Honduras, Guatemala, El Salvador e México. Em Honduras, El Salvador e Guatemala a ocorrência é muito grande e, no México, restrita aos estados de Chiapas e Vera Cruz.

Nota do Tradutor

O nosso sócio Rudolf Jenny, orquidólogo e pesquisador suíço, em parceria com Gustavo Romero, Curador do Ames Herbarium, da Universidade de Havard, nos EUA, acha-se empenhado na revisão de vários gêneros de orquídeas e resultados parciais vem sendo publicados na revista alemã 'Die Orchidee'. Orquidário, de acordo com sua linha editorial e a permissão do autor e de seus editores alemães, tem publicado textos daquela série, que tratam de gêneros e espécies brasileiros. Desta feita, porém, publicamos o artigo sobre *Stanhopea graveolens* Ldl., que ocorre na América Central. Há uma razão para isto, além, é claro, da qualidade dos textos de Rudolf Jenny. É que, equivocadamente, o nome *graveolens* tem sido aplicado à espécie brasileira *Stanhopea lietzei*, endêmica no Espírito Santo. Com a publicação dos textos sobre as duas espécies fica evidente a validade da denominação das mesmas.

Recuperando a Memória Orquidófila Nacional

Com este número iniciamos uma série de artigos que tem por objetivo o resgate cultural da história orquidófila brasileira. Temos, na série, a descoberta de gêneros e espécies; um pouco da história da orquidofilia e orquidologia brasileiras. Tentaremos um primeiro cadastro das orquídeas brasileiras, patrimônio que começa a rarear, embora ainda nos ofereça novidades e surpresas, como temos mostrado em números anteriores e neste, mesmo, com a descrição de uma nova espécie de *Pabstia*, encontrada no estado do Espírito Santo, tão explorado e um dos mais importantes santuários das orquídeas do Brasil.

Mas, como o Brasil vai hospedar em 1996 a 15th World Orchid Conference - 15th WOC, que se realizará no Rio de Janeiro, no mês de setembro, daquele ano pareceu-nos importante iniciar a série tratando de duas importantes instituições dessa cidade, a Biblioteca Nacional, que, entre cerca de oito milhões de peças (a UNESCO a considera a 8^a maior do mundo), tem um rico acervo de manuscritos sobre expedições botânicas e de iconografia, como é o caso dos exemplos que exibimos, de Alexandre Rodrigues Ferreira, extraída da obra com mais de 200 anos, a "Viagem Filosófica à Amazônia", de 1792 e de Freire Alemão (1797-1874), da obra "Estudos Botânicos", em 17 volumes, inéditos, contando, inclusive com pranchas de orquídeas do Rio de Janeiro, algumas já em extinção. Falamos também, sobre o Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

O Rio de Janeiro, todos sabem, é uma cidade de contrastes e surpresas, inclusive com a maior área verde urbana do mundo todo, onde ainda é possível verem-se orquídeas nas suas ruas e praças como captou o fotógrafo Carlos Ivan da Silva Siqueira.



Brassavola tuberculata vegetando entre cactos nas pedras do Leme, próximo à praia de Copacabana. Foto: Carlos Ivan

Extracting highlights from the history of the Brazilian

In this issue we initiate a series of articles with the objective of reviewing the history of Brazilian orchid culture and a little of the history of Brazilian orchidology. We will have in this series the discovery of genus and species; a little of the history of orchid culture and study of orchid plants.

We will try to make a first register of Brazilian orchids, the patrimony of which is beginning to become rare, although it still offers novelties and surprises, as we have shown in previous issues, or such as in this issue description of a new species of *Pabstia*, found in the state of Espírito Santo. This state has been extensively explored and is one of the most important orchid sanctuaries in Brasil.

Since Brasil will host the 15th World Orchid Conference in September, 1996, we will begin the series describing two important institutions of this city. One, the National Library, which has a rich collection of manuscripts about botanical expeditions and "iconography". As an example, we will reproduce an extract from a study by Alexandre Rodrigues Ferreira, made more than 200 years ago, called 'A Philosophical Voyage to the Amazon'. This was written in 1792. And, by Freire Alemão (1797-1874), in a work called 'Botanical Studies', of 17 volumes, which also includes prints of orchids of Rio de Janeiro, some of which are now

extinct. We will also write about the Botanical Garden, in Rio.

Rio de Janeiro is a city of contrasts and surprises. It has the largest urban green area in the entire world, and it is still possible to see orchids in the streets and parks, as photographed by Carlos Ivan da Silva Siqueira.

Alexandre Rodrigues Ferreira

1756 - 1815

Naturalista brasileiro nasceu na Bahia em 27 de abril de 1756 e faleceu em Lisboa em 23 de abril de 1815. Diplomou-se pela universidade de Coimbra, na Cadeira de Filosofia, ocupando os seguintes cargos: Oficial da Secretaria dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, Vice-Diretor do Real Jardim Botânico, Administrador das Reais Quintas de Queluz, Caxias e Bemposta e Deputado da Real Junta do Comércio.

Participou da "**Viagem Filosófica à Amazônia**" - expedição exploradora das Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, entre 1783-1792. Viajante observador contou com o apoio de botânicos e riscadores portugueses. Penetrou pelo vale amazônico, registrando a natureza, segundo seus aspectos antropológicos, zoológicos e botânicos. O acervo documental da "**Viagem Filosófica**", enviado a Lisboa, transferiu-se para Paris, durante a invasão francesa, e parte retornou ao Brasil, adquirido pela Biblioteca Nacional. Grande parte da iconografia da expedição foi publicada pelo Conselho Nacional de Cultura, ficando inéditos os textos e grande parte das estampas da flora amazônica.



Habenaria sp

Aquarela do Pintor Freire.

Pasta 33, Vol. IV, n° 142.



Ornithocephalus iridifolia - Aquarela de Freire. Pasta 33, Vol IV.

Francisco Freire Alemão Cisneiros

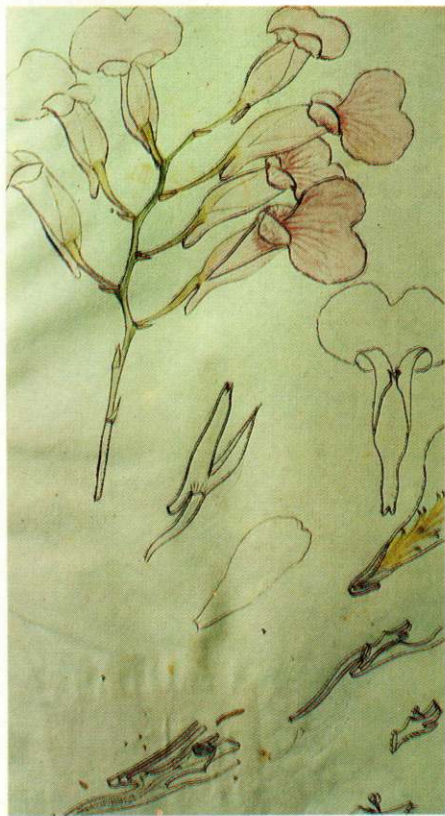
(1797 - 1874)

Botânico brasileiro, nasceu no Mendanha, Campo Grande (RJ) em 24 de julho de 1797 e faleceu em 11 de novembro de 1874.

Médico, diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, doutorou-se em Paris (1831) defendendo a tese "Dissertation sur le goître". Professor de botânica e zoologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sendo discípulo em Paris, do Prof. Clarion. Médico da Câmara Imperial, foi colega de José Sigaud e Diretor do Museu Nacional (1866-1874).

Como Botânico, participou da Comissão encarregada da "Expedição Exploradora do Ceará" (1859/1961), como Presidente, juntamente com Guilherme Capanema, Manuel Ferreira Lagos, Raja Gabaglia e Antonio Gonçalves Dias e o pintor Reis de Carvalho.

Correspondeu-se com grandes botânicos internacionais distinguindo-se: Martius, de Candolle e outros.



Ionopsis utricularioides.

Vol. 3, Prancha 35.



?*Oncidium warminghii*

Vol. 3, Prancha n° 36

O acervo do naturalista Freire Alemão foi adquirido em 1913, pela Biblioteca Nacional, que publicou nos Anais, vol. 81, grande parte da documentação. Estão inéditos os "Estudos Botânicos do Rio de Janeiro", em 17 volumes, que registram as grandes derrubadas da floresta Atlântica e cataloga inúmeras orquídeas, atualmente em extinção.

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Waldemar Scheliga*

antigo. Na Prússia, o primeiro “horti medici”, foi implantado em 1658, na cidade de Halle.

No decorrer do tempo, outras plantas, sem relação com finalidades medicinais, foram introduzidas nas coleções e, assim, deu-se a transição dos “horti medici” para os atuais jardins botânicos, que, ainda hoje, funcionam integrados às universidades, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Existem, no



Orquídeas vegetando em árvores do Jardim Botânico. Veem-se uma touceira de *Maxillaria* e uma *Cattleya labiata* florida. Foto Carlos Ivan.

Com a consciência universal voltada às questões de ecologia e de preservação do meio ambiente, a missão dos jardins botânicos, de cultivar as espécies vegetais, é tarefa de vital importância.

Na Europa, os jardins botânicos nasceram da necessidade de familiarizar os estudantes de medicina com as ervas curativas. Por isto eram chamados de “horti medici” e, geralmente, eram administrados pelas Faculdades de Medicina. O Jardim Botânico de Pádua (Itália), fundado em 1545, é considerado o mais

Brasil, onze jardins botânicos e organizações congêneres, sendo o do Rio de Janeiro o maior e mais antigo, fundado em outubro de 1808, pelo, então, Príncipe Regente, D. João VI, com o nome de Horto Real. No início, sua finalidade era a aclimação de especiarias trazidas do Oriente. Mais tarde o nome foi mudado para Real Jardim Botânico, passando então a cultivar outros gêneros de plantas. Em 1824, D. Pedro I entregou a direção, pela primeira vez, a um botânico, Frei Leandro do Sacramento, que desenvolveu importantes obras de ampliação, que, ainda hoje, ostentam o aspeto que foi implantado pelo mesmo.

Outro botânico de marcante atividade

criativa na direção do Jardim Botânico, foi João Barboza Rodrigues, empossado em 1890. Criou o Herbário, onde, desde então, foram arquivadas e catalogadas cerca de 300.000 espécies de exsicatas (plantas secas), o Museu e a Biblioteca, esta que leva, hoje, o seu nome e abriga 70.000 volumes, sendo 2.000 de obras raras, remontando a mais antiga ao ano de 1565. Lá, também, se encontra, em sala climatizada, a obra inédita de Barboza Rodrigues, em 5 volumes, a "Iconographie des Orchidées du Brésil", contendo as tábulas com os desenhos detalhados das orquídeas descobertas e descritas por ele.

Barboza Rodrigues construiu, também, novos prédios, estufas e arboreto, já com configuração científica.

Com a proclamação da República, a instituição recebeu o nome de Jardim Botânico do Rio de Janeiro e, até hoje, mantém as mesmas características imprimidas por Barboza Rodrigues. É ele, pois, considerado o Diretor que mais contribuiu, com trabalho, e ciência para a grandeza do parque.

Outros diretores competentes se seguiram e deixaram suas marcas de bons administradores, elevando o jardim à grandeza atual.

O Jardim Botânico do Rio de Janeiro ocupa uma área de 137 hectares, da qual 54 constituem a parte cultivada e que abriga espécimes não só nacionais, como de países que estejam na faixa tropical-equatorial e, parcialmente, de áreas temperadas. São cerca de 8000 espécies que se distribuem em agrupamentos filogenéticos ou formando ecossistemas, como os representativos de restinga, de cerrado e da região amazônica.

O atual Superintendente, Dr. Wanderbilt Duarte de Barros dispõe dos atributos que caracterizam um bom administrador. Ao assumir a direção, teve que enfrentar sérios problemas de escassez de recursos financeiros. Para reverter a situação de abandono das

instalações e do jardins, conseguiu respaldo da iniciativa privada, com intermediação da atuante Sociedade dos Amigos do Jardim Botânico, obtendo, assim, apoio e contribuições de respeitáveis instituições, como a Fundação Roberto Marinho, os Bancos Real e Unibanco e da Fundação Banco do Brasil. Em recente entrevista a um jornal carioca, aquele Superintendente declarou que, apesar das muitas melhorias já introduzidas, as reformas necessárias a repor o Jardim Botânico no melhor do seu estado, muito ainda há a fazer. Muito foi feito, isto é visível, mas muito ainda há por fazer. A falta de pessoal, sobretudo especializado, preocupa.

No passado o jardim contou com 140 empregados para sua conservação. Hoje só dispõe de 14, ou seja, 10% daquele número, e isto não significa que o jardim tenha tido mecanizada a sua manutenção, a ponto de poder prescindir do uso intensivo de mão de obra. Não fôsse a ajuda de uma companhia pretolifera, a Texaco, que supre o Jardim com 26 pessoas, a equipe própria da instituição não teria condições de levar a bom termo a limpeza e manutenção do parque. O número de vigilantes é, também, insuficiente: dos antigos 180 guardas, restam 70, que se revezam em 2 turnos de 35 cada.

A 12 de dezembro de 1991, reinaugurou-se o Orquidário, inteiramente recuperado, com a ajuda, apoio e assistência técnica da Orquidário, que, não só, integrou a Comissão Curadora, como obteve dos seus sócios e de orquidários comerciais (dentre os quais destacam-se Florália, Binot, Aranda, Quinta do Lago, Equilab, entre muitas outras), doações de plantas e materiais, além de ceder seu então Vice-Presidente, para coordenar os trabalhos de reorganização. Por sua vez, botânicos, em trabalho de campo, coletam novas espécies, enriquecendo, assim, a coleção.

Presume-se que o orquidário tenha

Presume-se que o orquidário tenha sido construído há cerca de 100 anos e, nele, cabem de dez a doze mil vasos. Dispõe, atualmente, de mais de 2000 espécies e mais outro tanto vegetando, como epífitas, nas árvores do parque. Ao redor do Orquidário existe um pequeno bosque de Dracenas em cujos troncos foram hospedadas grandes quantidades de orquídeas. São, na sua grande maioria, espécies botânicas, dificilmente encontradas em coleções de amadores. Notáveis são algumas raridades, entre elas a *Laelia alaori* Brieger & Bicalho e a *Cogniauxiocharis glazoviana* (Cogn.) Hoehne, assim como uma grande coleção dos gêneros *Maxillaria* e *Pleurothallis*.

É bastante provável que Barboza Rodrigues tenha também construído o atual orquidário, o que se supõe, dada a sua paixão por essa família vegetal e o tempo da construção, já que, infelizmente, da crônica histórica da instituição não consta qualquer referência a esse respeito. Existe apenas uma curta notícia de que na sua gestão teria sido feita uma reforma no orquidário. Pode depreender-se, daí, que a primeira estufa, em forma de rotunda, segundo o estilo inglês da época (e que, até hoje, ostenta, na fachada, a palavra "Orquideário"), tenha sido construída antes da gestão de Barboza Rodrigues, ou seja, antes de 1890. No entanto, agora, só abriga antúrios, samambaias, avencas e outras pteridófitas. Quanto às minhas conjecturas, quero lembrar que Barboza Rodrigues durante muitos anos viajou pelo Brasil fazendo pesquisas e estudos botânicos na Amazônia e outras regiões e, por isso, conhecia perfeitamente os hábitos vegetativos das plantas e, particularmente, das orquídeas e jamais cultivaria as mesmas em ambiente que não fosse condizente. Seja como for, implantado por Barboza Rodrigues ou não, o atual orquidário, amplo e arejado, atende melhor às exigências das melhores técnicas de cultivo.

Devido às condições climáticas somente as espécies que tem seu habitat natural

em regiões de clima quente podem ser cultivadas nesse local. Para o cultivo bem sucedido de orquídeas de clima temperado ou frio, seria necessária a construção de estufa climatizada, de construção difícil e com elevados custos, de obras e manutenção. Solução mais econômica seria, com certeza, a instituição, por exemplo, de uma "filial" do Orquidário, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, onde as plantas de clima temperado e frio de qualquer gênero encontrariam condições ideais para vegetar, podendo ser estudadas.

O orquidário não é franqueado ao público. Somente orquidólogos e pesquisadores tem acesso ao local, mediante licença especial da administração, pois a função de um orquidário em Jardim Botânico, ou Universidade é o cultivo, para estudo, de espécies nativas, especialmente daquelas em risco de extinção, em busca de condições para sua preservação.

Interessante é observar que durante a realização do 3º Congresso Internacional de Conservação em Jardins Botânicos, realizado em outubro do ano passado no Rio de Janeiro, sob o tema "Os jardins botânicos num mundo em transformação", assunto dos mais debatidos foi o estudo de plantas medicinais, quase que numa revivescência dos "horti medici" das origens... Estes congressos trianuais contam com a participação de 67 países, nesse último, foram analisados os progressos contínuos e o envolvimento dos jardins botânicos de todo o mundo na implementação de estratégia global de conservação e, sobretudo, a reação a adotar em face dos problemas impostos pelas mudanças globais. Os participantes tiveram oportunidade de discutir temas que desafiavam os jardins botânicos de todo o mundo, já que estão sendo desenvolvidos planos e programas de preservação da biodiversidade e de reforço do papel de tais instituições na execução dessas tarefas. Nas sessões foram tratados aspectos como os que se seguem:

- os jardins botânicos e sua reação frente às mudanças globais;
- os jardins botânicos e a reintrodução de plantas;
- os jardins botânicos e a horticultura prática;
- registro e documentação de plantas em jardins botânicos;
- os jardins botânicos e a conservação "in situ";
- educação e consciência ambiental: o papel dos jardins botânicos.

Conclui-se destas observações que o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, como instituição científica de inestimável valor deveria merecer maior empenho de governos e apoio da sociedade como um todo. Forçoso é concluir, contudo, que o interesse governamen-

tal pela cultura, ciência e tecnologia não tem passado de retórica e já anda beirando o descaso.

As vinculações administrativas do Jardim Botânico, com o IBAMA e o Ministério do Meio Ambiente, que também sofrem os crônicos problemas de falta de verbas e, por isto, têm outras prioridades, representam, no meu entender, um problema a mais e não uma solução, já que, o de que necessita um jardim botânico, é de mais liberdade e autonomia para cumprir suas finalidades, que não se limitam apenas às questões de que se ocupam aquelas entidades.

* Rua Alameda Saddock de Sá 133/401
22471-030 - Rio de Janeiro, RJ.

O Fotografo de 1992

Valentim Tavares Fernandes



Um grande orquidófilo brasileiro, lembrando um pouco Proust, o grande escritor francês, dizia que gostava de ver fotos de habitats, porque elas lhe traziam à memória todas aquelas sensações que só a natureza, na mata, permite: bem estar, uma umidade gostosa e perfumada, sentido de liberdade, sons e brisa...

Durante o ano passado instituímos um concurso nacional de fotografia, em busca de ampliar o nosso quadro de ilustradores, e, também, com a finalidade de, na medida em que cresçam as possibilidades orçamentárias da Orquidário, só precisarmos mandar os

nossos juizes para percorrerem um maior número das exposições que se espalham pelo país, julgando e selecionando plantas que poderão figurar em PULCHRA. Escolhidos, através do concurso, os fotógrafos já estarão mais próximos, como é o caso de Valentim Tavares Fernandes, que foi o grande ganhador do Concurso de 1992, e que, para nossa sorte, reside em Santa Catarina, um dos maiores centros orquidófilos do país, e, portanto, bem próximo dos estados do Rio Grande Sul e do Paraná, que, como é sabido, rivalizam, em qualidade e quantidade, com os "barrigas-verdes" em matéria de orquídeas.

A prova maior de que os catarinenses transitam, com facilidade, do seu estado para o "pampa" vizinho, está na foto, que encabeça esta página, de *Sophronitis coccinea*, feita num dos importantes habitats brasileiros dessa planta, o município de Bom Jesus, no Rio Grande do Sul. A foto nos dá, também a nós, aquela gostosa reminiscência das visitas feitas a habitats a que nos referíamos, acima. É isto que se pode esperar de uma boa foto e isso foi obtido pelo ganhador do Primeiro Concurso Nacional de Fotografia de Orquídeas: recu-



perar tudo que sentimos na nossa primeira visita ao campo, descobrindo, de repente, com deslumbramento, um tronco coberto de flores vermelhas, brilhando, nítidas, na luz difusa, mas forte, da mata.

Não podia ter sido melhor a escolha do fotógrafo, para satisfazer o pedido que lhe fizemos de que, ele mesmo, escolhesse a foto que publicaríamos com esta notícia.

Valentim Tavares Fernandes vive em Urussunga, cidade de Santa Catarina, onde é Secretário de Obras do Município. Orquidófilo, desde 1979, é o Vice-Presidente da Associação Sul Catarinense de Orquidófilos, com sede em Sombrio, SC. Diz ele que possui um "modesto" orquidário, com aproximadamente 600 plantas, na sua maioria *Laelias purpuratas* e *Cattleyas intermedias*. Se no seu plantel estão algumas das flores que fotografou e nos mandou, a "modestia" do seu orquidário está só na modéstia do proprietário...

Esterilização de sementes de orquídeas para cultura assimbiótica

Francisco de Sales Carvalho e Silva¹

Sergio Potsch de Carvalho e Silva²

A germinação das sementes das orquídeas é muito difícil pois, como é sabido, seus embriões não levam reserva e necessitam de um fungo específico que lhes forneça alimento. O papel dos fungos na germinação destas sementes foi bem estudado nos trabalhos de Burgeff na Alemanha e Bernard na França, nos idos de 1909. Daí surgiram os primeiros trabalhos práticos de cultura em meios previamente contaminados por fungos, da firma Charles Worth & Co. na Inglaterra, em colaboração com o Dr. J. Ramsbottom. Eram os chamados meios simbióticos de germinação de orquídeas.

Mais tarde, em 1922, o Dr. L. Knudson, nos laboratórios de Fisiologia Vegetal da Universidade de Cornell, demonstrava a não necessidade do fungo, desde que fosse fornecido ao embrião o açúcar de que necessitava para a germinação. O advento desta técnica

de cultura de sementes de orquídeas, conhecida como cultura assimbiótica, em tão boa hora imaginada por esse cientista, criou a necessidade de um método de esterilização, cuja substância esterilizante deveria preencher dois requisitos básicos e quase antagônicos: eliminar os microorganismos (fungos, bactérias e protozoários) e os ácaros além de suas formas de resistência sem causar danos aos embriões ou prejudicando-os o mínimo possível. Os agentes esterilizantes agindo por coagulação das proteínas, por oxidação das substâncias orgânicas ou por formação de complexos químicos, alteram as condições básicas da vida. Esses malefícios atingem a todos os seres vivos, quer sejam microorganismos, animais ou vegetais. O cloro, por exemplo, é tão tóxico para as bactérias como para um mamífero ou para uma planta.

Para atender a essa necessidade de esterilização, tem sido utilizada uma solução de cloro em água, segundo técnica proposta por Wilson. Por esse processo, adicionam-se 10 gramas de hipoclorito de cálcio a 140 ml de água e agita-se bem por alguns minutos. Na presença da água, o sal se hidrolisa liberando cloro gasoso que se dissolve e o cálcio é precipitado em forma de hidróxido. Por filtração, em papel de filtro, obtém-se uma solução límpida, mais ou menos amarelada, com um percentual aproximado de 0,4% de cloro livre, que é o agente esterilizante. Essa solução tem pH alcalino (+/- 10,0) em razão da dissolução de pequena quantidade de hidróxido de cálcio. Esta alcalinidade favorece a molhagem das sementes, dispensando o uso de agentes molhantes. As sementes são mantidas nesta solução por aproximadamente 15 minutos, sendo transferidas para o meio de cultura, sem necessidade de lavagem posterior em

água. Outros trabalhos falam do emprego de peridrol a 6% (água oxigenada a 20 vls); de solução de lugol (iodo-iodetado); de ácido fênico; de cloreto mercúrico; de mercuro cromo etc...

Mais recentemente generalizou-se, especialmente entre nós, o uso da solução de hipoclorito de sódio (clorox dos americanos, cândida em São Paulo ou nossa água sanitária). Provavelmente a facilidade do emprego - as soluções já vêm prontas - foi o fato determinante desta preferência. Normalmente os que a usam, empregam as de uso doméstico e, confiantes na dosagem indicada no rótulo diluem-na a 10% para obter a concentração de cloro desejada, mantendo as sementes em contato por tempo variável segundo o estado das cápsulas (abertas ou fechadas). Os resultados devem ser razoáveis pois a prática continua em vigor.

Há algum tempo, planejamos um trabalho comparativo sobre a eficácia de alguns meios de cultura, sob a luz dos modernos conhecimentos da ação de quininas e auxinas na germinação e na manutenção das culturas. Começamos a observar no curso do trabalho variações muito grandes e, de certo modo injustificáveis, no tocante à contaminação dos meios.

Em outra experiência semeamos, em um mesmo dia, dois lotes de sementes de *Laelia purpurata*, de uma mesma cápsula. Nos dois casos, as sementes foram mantidas por 15 minutos em água sanitária diluída a 10%. Obtivemos, no primeiro, um baixo índice de contaminação enquanto no segundo, de 10 frascos, 6 contaminaram. Como utilizamos água sanitária de garrafas diferentes para cada lote, concluímos que o elemento causador das variações deveria estar no processo de esterilização.

Dosamos as duas amostras de água sanitária. Encontramos na primeira 0,6 % de cloro livre e na segunda não chegava a 0,2%. Comparamos diversas amostras de água sanitária obtidas no comércio, de marcas diferentes mas que estampavam no rótulo a concentração de 5% de cloro livre. Encontramos a surpreendente variação de 0,2% a 1,5%, a maior concentração encontrada na época. Isto explicava, sem maiores dificuldades, o problema das contaminações, tornando impossível comparar o resultado do crescimento nos diversos meios, tendo uma variante tão grande. Assim sendo, como elemento básico para o nosso trabalho, resolvemos estabelecer uma técnica que nos desse o máximo de uniformidade na esterilização das sementes. O agente químico esterilizante, além de sua capacidade

germicida, que se expressa por coagulação das proteínas bacterianas (p.ex., fenol), ou por oxidação e inativação das enzimas microbianas (peridrol, hipoclorito, etc...) ou por inativação dos grupamentos HS, interferindo no metabolismo das bactérias (sais de mercúrio), deve também, ter poder molhante razoável que permita contato mais íntimo entre a solução e as sementes. No caso do hipoclorito de sódio, a leve alcalinidade do meio favorece essa ação. Já com a água oxigenada, residualmente menos tóxica, é necessário juntar um agente molhante que favoreça essa ação.

Sabendo-se que o poder esterilizante aumenta na razão direta da temperatura, - há exemplos que relatam que mais 10°C podem dobrar essa ação - para maior uniformidade, devemos trabalhar em temperaturas ambientes seme-lhantes.

É bom notar que esses cuidados aparentemente irrelevantes e até exagerados se tornam importantes na medida em que sabemos que a ação do agente químico é também muito perniciosa para os embriões, chegando, por vezes, ao ponto de inativá-los, daí evitar soluções muito concentradas ou tempo excessivo.

Esses cuidados são muito importantes nas culturas com finalidades comerciais, onde a perda de sementeira por contaminação ou não germinação pode representar prejuízos vultosos ou nos trabalhos científicos, pois os resultados podem ser mascarados.

Na bibliografia, temos referência de que, pela técnica de Wilson, sementes de espécies dos gêneros *Laelia* e *Cattleya* podem ser mantidas por três horas na solução de hipoclorito sem perda da capacidade de germinação. Evidentemente, tanto maior a ação do cloro, pior para a germinação.

Antes de iniciarmos a esterilização propriamente dita, colocamos uma quantidade de sementes num tubo de ensaio 10 x 1, juntamos água desmineralizada até 2/3 do tubo e fechamos com rolha de borracha. Agitamos fortemente o tubo para molhagem interna das sementes, o que leva aproximadamente 15 minutos. Essa lavagem tem a finalidade de separar as sementes fecundadas, mais densas, das estéreis, mais leves e que flutuam.

Se as sementes forem colocadas diretamente no meio esterilizante, cuja densidade é maior que a da água, pode haver a tendência de todas as sementes flutuarem, dificultando a separação. Sementes de alguns gêneros como *Corianthes* e *Catasetum*, por possuírem um envoltório embrionário muito grande e que retém

muitas bolhas de ar, dificilmente afundam, sendo necessária uma análise num microscópio para avaliar o grau de fecundidade das sementes e, separação das férteis e estéreis.

Desprezamos as sementes que flutuam e decantamos a água que cobre as sementes férteis, no fundo do tubo.

Às vezes há a necessidade de se centrifugar levemente o tubo para maior sedimentação das sementes e melhor retirada da água. Juntamos ao tubo solução de hipoclorito de sódio, recentemente dosada, segundo a técnica descrita adiante, diluída em água para se obter uma solução de 0,4% de cloro livre. Agitamos fortemente, a intervalos regulares para perfeita molhagem das sementes, que ficam inicialmente amareladas por ação do cloro sobre a matéria orgânica. Conforme o grau provável de contaminação das sementes, deixamos em contato pelos seguintes tempos:

a- Sementes provenientes de cápsulas intactas, previamente lavadas com sabão e álcool a 70% antes de serem abertas, no laboratório : 10 minutos no máximo.

b- Sementes procedentes de cápsulas abertas naturalmente, há pouco tempo : 15 minutos, aproximadamente.

c- Sementes procedentes de cápsulas abertas há muitos dias : pelo menos 20 minutos.

Terminado o tempo desejado, coloca-se o tubo na centrífuga manual por uns dois minutos e decanta-se ao máximo possível a solução de hipoclorito. Deve-se ter o cuidado para não contaminar a rolha de borracha, nessa altura com a parte interna esterilizada pelo cloro. Faz-se a semeadura, sem prévia lavagem em água, por ser absolutamente dispensável.

É preferível manter as sementes mais tempo em soluções mais diluídas de hipoclorito do que um tempo menor em soluções mais concentradas. Uma solução mais diluída leva menos cloro e álcali para o meio de cultura. Além disso, o hipoclorito exerce uma ação emoliente sobre as sementes e, essa ação é mais acentuada nas soluções mais concentradas, danificando mais o embrião.

Outras soluções esterilizantes que podem ser usadas, são:

1 -
Bicloreto de mercúrio (sublimado corrosivo - $HgCl_2$) a 1/1.000

2 - Lugol (seg. Hana Gluber):

Iodo 30 g

Iodeto de potássio ... 60 g

Água 900 ml

(Para usar, diluir 6 ml em 1 litro de água.

Deixar de 10 a 30 minutos).

3- Peridrol a 20 % (água oxigenada a 6 volumes) - 10 a 30 minutos.

4- Solução de hipoclorito de sódio com 10 % de cloro livre, usada no tratamento de piscinas. É a que usamos. Tomamos 5 ml dessa solução e diluímos a 100 ml de água.

Qualquer água sanitária pode ser usada, no entanto é aconselhável que seja controlada.

Realmente, para o amador que não dispõe de um laboratório, por simples que seja, e que não tenha conhecimentos básicos de química, o controle da solução de hipoclorito de sódio complica sensivelmente seu trabalho. Infe-lizmente, dada a inconstância da concentração de cloro livre nas soluções que achamos no mercado, fica difícil outra orientação. Muitas vezes o insucesso leva o amador ao desânimo, julgando-se incapaz de uma boa semeadura, com poucas contaminações, quando o erro está na solução de hipoclorito excessivamente baixa em cloro. Vamos tentar mostrar ao amador uma técnica simples e que não necessita de uma grande precisão.

CONTROLE DA SOLUÇÃO DE HIPOCLORITO

Quem dispuser de um laboratório e de noções práticas de química deve dosar o cloro livre na solução de hipoclorito de sódio pelo tiosulfato de sódio.

Quem não contar com esses recursos, pode lançar mão do pequeno estojo "GENKIT" da Genco Química industrial Ltda. usado no controle de pH e de nível de cloro de piscinas. É um teste calorimétrico, simples e pouco custoso. Para avaliar o teor de cloro livre, toma-se uma gota da solução de hipoclorito a ser usada, dilui-se a 100 ml com água de torneira. Mexe-se bem e toma-se uma gota desta solução e dilui-se novamente em 100 ml de água. Após essas duas diluições faz-se a avaliação enchendo-se a célula do teste, na faixa relativa ao cloro e adicionam-se 4 gotas de solução de Ortotoluidina. Agita-se bem. Se o hipoclorito estiver bom, a coloração da amostra deve ficar entre 1,5 e 2,0.

O boletim da Sociedade Americana de Orquideas, no seu número de fevereiro de 1985, publicou um interessante método de esterilização de sementes de autoria de Richard Snow. Neste trabalho o autor recomenda a manutenção das sementes por 24 horas, com agitação intermitente, numa solução de açúcar comum, com a finalidade de molhar bem as

sementes, tornando mais efetivo o tratamento com o esterilizante. Em seguida, a solução de açúcar é decantada, e as sementes são mergulhadas por 30 minutos, com agitação intermitente, numa solução de peridrol a 3% (a água oxigenada 10 vol. do comércio). Segundo o autor, que também preconiza um método químico de esterilização dos meios de cultura e vidraria, essa concentração de Peridrol é muito bem tolerada pelas sementes e protocórmios. Além do poder esterilizante para os microrganismos, o peridrol não tem a desvantagem da alcalinidade, ao se decompor produz água e, suas soluções, quando de boa qualidade, são muito estáveis não necessitando feitura recente ou controle de concentrações, além de ser de preço muito acessível.

Esse processo nos pareceu muito interessante, sendo prático e lógico. Assim sendo, fizemos diversas semeaduras, com bons resultados, por essa técnica de esterilização, com uma única alteração - passamos a deixar as sementes 1 hora no Peridrol a 3%, pois 30 minutos se mostraram insuficientes para eliminar certos fungos.

Já dispomos de diversas culturas germinadas por esse processo. Falta-nos somente mais tempo para melhor ajuizar os resultados.

Para completar o presente artigo, estamos realizando um trabalho visando determinar o tempo ideal para esterilização das sementes, com conservação do poder germinativo das mesmas, nas soluções de hipoclorito de sódio.

Bibliografia

- >ARDITTI, Joseph
Orchid Biology - I e II
Comstock - Cornell University press. 1977 e 1982.
- >BURGEFF, F.D. Hans
Saprophytismus und Symbiose
Studien an tropischen Orchideen
Fischer in Jeans, 193
- >KNUDSON Lewis
Nonsymbiotic Germination of Orchid Seeds
Bot. Gazette - 73 - nº1 jan. 1922: 77 - nº2; apr. 1924:
79 - nº1 jan. 1925
- >SNOW, Richard -
Improvements in Methods for germination of Orchids
Seeds - Am. Orchid Soc. Bulletin, vol. 54 nº 2
pag. 178 (fev.)
- >WHITE, Edward A.
American Orchid Culture
A.T. de La Mare Corp. Inc. - N.Y. 1948

>WHITE, W.H.

The Book of Orchids - London 1902.

>WILSON, Jans K. - A 1915 Amer. Journal Bot. 2 -
420/424

Calcium hypochlorite as a seed sterilizer

1 - R. Elvira Niemeyer 214, São Conrado,
Rio de Janeiro, RJ.
CEP 22600

2 - Instituto de Biologia, Universidade
Federal do Rio de Janeiro.
Cid. Universitária, Ilha do Fundão, CCS, BL A. CEP
21941.

Sobre PULCHRA

Taubaté, 5 de março de 1993

Prezado amigo e companheiro
orquidófilo Raimundo Mesquita:

Recebi hoje esta entusiasmante PULCHRA, que faz jus ao nome que tem. A arte gráfica está impecável, inclusive com a muito feliz escolha desse tipo 'Prose Antique', um achado. As fotos estão ótimas e perfeitas, e seu 'lay-out' muito bom. Recentemente tive em mãos revistas e catálogos japoneses, trazidos por meu amigo Tanabe, de Guaratinguetá, talvez o ponto mais alto em arte gráfica - pelo menos do meu conhecimento - e posso afirmar que PULCHRA não cora de ombrear-se (como diria o poeta baiano) com eles, perdendo apenas em número de páginas, proporcionais aos nossos PIBes.

Os textos do Roberto Agnes, do Álvaro Pessoa e o seu estão ótimos. O Agnes traz considerações substanciosas sobre o grande "drama" da orquidofilia, que são os julgamentos. V. e o Álvaro recuperaram em seus trabalhos o lado humano da orquidofilia e falam de três pessoas que já foram para o lado de lá, mas cujos sonhos e trabalho árduo estão atrás de tantas flores encantadoras que hoje contemplamos nas exposições e nos orquidários. Talvez nos próximos números vocês pudessem homenagear algum dos vivos, porque homenagem em vida é muito melhor!

Mas, depois de dizer que gostei de quase tudo em PULCHRA, me permito o atrevimento de fazer duas críticas, que tenho certeza V. entenderá como construtivas:

1) Uma publicação com a qualidade de PULCHRA não pode apresentar erros de português, principalmente de acentuação, desconhecendo, por exemplo, que não existe mais no português o acento diferencial, há muito tempo suprimido. No artigo do Agnes: esforço, gosto, vêzes, modê-

lo, côr, côres, sôbre, acôrdio. Acentos que faltam: juízes. Juiz com maiúscula (por quê?) em algumas frases, e com minúscula (corretamente) em outras. E um quasi que estaria certo em latim, mas arrepia em português, e vai aparecer de novo na "Análise das Flores", pág. 29 em diante, sempre que se precisou escrever quase. Seu artigo à pág. 21: esforço, dêsse artesanal (é com esse), artezãos, teem (têm); dos muitos dos Juizes (de muitos dos juizes) e umas virgulinhas matreiras, presentes ou ausentes. Artigo do Álvaro Pessoa: dêsse, sôbre, peloria (o certo é pelória), quasi (ai!), fôsse. Na "Análise": distribuida (leva acento), a pesar (apesar), sôbre, côres, synsépala (por que y?) e, como carrapatos, um monte de quasís...

Não há erros graves de concordância verbal nem vírgulas separando sujeitos do verbo, nem mesmo (coisa rara) uso errado da crase ou ausência dela, aonde por onde e coisas assim (...)

Acho que vocês poderiam ter um pouco mais de atenção com este aspecto, na PULCHRA e também na Orquidário, e tenho certeza de que não será difícil, no Rio de Janeiro, encontrar quem possa lhes fazer uma revisão dos textos e também das provas tipográficas. Não sou professor de português, sou administrador de empresas, também dou minhas claudicadas de vez em quando, que a "última flor do lácio" não é moleza, mas me ofereço com muito gosto para fazer essa revisão, desde que vocês me enviem o material, por Sedex por exemplo, e em dois ou três dias eu o estaria devolvendo. Mas, certamente, seria bem mais prático alguém aí no Rio.

Espero que você me compreenda: apenas por ter gostado tanto da revista, ter admirado tanto sua qualidade e bom gosto, que me incomodaram estas (como diria Monteiro Lobato) cagadinhas de mosquito...

2) A segunda crítica é um ponto de vista muito pessoal, mas que já ouvi de outras pessoas, falando do n° 1. Vocês melhoraram bastante, mas ainda há, para meu gosto, muito *Phalaenopsis* (2), *Cymbidium* (4), *Odontoglossum* (5), para minha *labiata*, nenhuma *purpurata* (só nas homenagens), nenhuma *warneri*. Tudo bem,

você nos regalaram com *intermedias* e *loddigesii* de dar água na boca, mas PULCHRA não pode se intitular 'O ano orquidófilo no Brasil', sem mostrar o que de bom tem aparecido em nossas exposições de *labiatis*, *warneris*, *purpuratas*, sem falar em *schillerianas*, *schofeldianas*, *walkeranas* e tantas outras.

Na safra das *purpuratas*, em novembro, vi com o Guilherme Kawal uma planta florida, um clone da *Laelia purpurata* var. *venosa* Princesinha x Lp Milionária, chamada de Filippetti em homenagem ao querido italiano de São Bernardo, infelizmente falecido, que foi seu criador. Uma flor tão deslumbrante, que mesmo na coleção de Heitor Gloeden não vi nada igual. Falando com o Amândio, algumas semanas depois, o grande cultivador de Cotia me disse que conhecia a planta e que tinha com clone melhor ainda. A planta do Guilherme esteve na exposição de Santos e na do CPD. A do Amândio, não sei, mas ele não esconde suas flores.

Essa planta deveria ter aparecido na PULCHRA. Eu tinha muita expectativa disso, outras pessoas também, Vocês podem até privilegiar plantas estrangeiras e híbridos (eu sei, flores e beleza não têm pátria, etc...), mas não acredito que desprezem as nossas nativas. Então está havendo a necessidade de aperfeiçoar o SISTEMA que vocês usam para ter as informações, talvez OLHEIROS (como no futebol) credenciados a fazer uma varredura das exposições, dos orquidários, das reuniões das sociedades, uma prévia para uma seleção final com o bom gosto indiscutível de (...) companheiros da Orquida-Rio, que reluta, mas está difícil de fugir a seu destino de Orquida-Brasil.

Um Abraço

Oscar v. Sachs Jr.

CP 119 - 12010-970 - Taubaté, SP

Meu caro Oscar V. Sachs Jr.

Sei que a sua carta teve caráter pessoal, mas, pela sua importância e pelo que você representa na orquidofilia nacional e para a OrquidaRio, pareceu-nos de relevo publicá-la, parcialmente, para dizer-lhe obrigado, obrigado.

Obrigado, duas vezes, sim e não é erro de tipografia, nem de revisão. O primeiro, pelo encômio e o segundo, pelas críticas.

Os reparos de linguagem, estão inteiramente transcritos, para que funcionem como "Errata" de PULCHRA n. 2. Uma das causas, na verdade, foi confiar-se, excessivamente, na prometida infalibilidade dos computadores. Um exemplo? Detetamos, a tempo, a grafia de quase. Fez-se a correção no comando "Find" e, em seguida, o "change all"; todos os "quasi" ficaram em vídeo reverso e a máquina comunicou que a operação de substituição estava completa. Mas não estava!.. E, assim foram a maioria dos que você identificou e alguns outros, de digitação, que já tínhamos identificado.

Você e os outros leitores devem ter observado que estamos informatizando a OrquidaRio e processando, eletronicamente, a editoração e, com isso, pagando algum tributo aos diabinhos da tipografia, que conseguem levar sua traquinagem até os mais sofisticados meios eletrônicos e penetram até nos Dicionários. O quase, mesmo é um bom exemplo. Todos sabemos que vem do latim *quasi*, "como si". Pois bem, no Aurelio (na 4ª tiragem, da 1ª ed. patrocinada pelo BNDES), lá está: "do latim com se "(o que, aliás é menos compreensível que o nosso quasi, bem compreendido por você, embora "arrepiaado", como, creio, por todos os leitores). A toda sorte, as nossas escusas e a promessa, de estilo, de procurar evitar... Em outros casos, como synsépala, não porque este é o nome científico: por que você grafia *Laelia* e não *Lélia*? Juiz, naquele passo do meu artigo era maiúscula de respeito, preferível a certos adjetivos desnecessários como "respeitados", "renomados", etc.

Quanto à outra observação de que melhoramos bastante com relação à seleção de flores, do n° 1 para o n° 2, queremos lhe dizer que temos muita satisfação de termos podido ampliar o número de destaques florísticos, aumentando o número de flores analisadas para 42 e acrescentando mais 18 nas Homenagens, bem como o número de cultivadores que

submeteram suas plantas a julgamentos de qualidade.

É preciso, porém, ter em conta que PULCHRA atende a certos princípios e tem muitas limitações, que só tempo e "pecúnia" permitirão superar.

Os princípios: lançar bases para adoção de normas e critérios de julgamento de qualidade, para que a Orquidário está, há algum tempo, se preparando e que já começamos a aplicar neste ano de 1993, com a categorização dos julgamentos: a) Nível de Excelência (90 a 100 pontos) - NE/OR; b) Reconhecimento de Qualidade Superior (80 a 89 pontos) RQS/OR; c) Recomendável para Cultivo (70 a 79 pontos) RC/OR.

Se é verdade - e, nisto, você tem muita razão -, que PULCHRA ainda não cobre o extenso universo orquidófilo brasileiro, pelo menos já reflete o bom nível de cultivo existente no Brasil, o seu refinamento e variedade. Isto é importante, refletir e representar o que se cultiva no Brasil e não apenas plantas brasileiras. Nós não privilegiamos esta ou aquela planta, estrangeira, nativa ou híbrida, por que isto seria rematada tolice. Imagine se um colecionador de belos "odontoalgumacoisa" como você, com mal disfarçado desprezo, escreveu fosse excluído de análise, simplesmente por que cultivava aquele gênero, que, aliás, se não é nacional, vem, para tomar-se tolerante a calor, recebendo a generosa seiva de plantas brasileiras: *Oncidium*, *Miltonia*, *Comparettia*, etc.

A questão da "pecúnia", por seu lado, tolhe e restringe a mobilidade de juízes e fotógrafos nossos, sem esquecer que há cultivadores que fazem questão de manter secretas as suas plantas e que, se fossemos depender destes, não existiria PULCHRA, nem Orquidário, nem as outras publicações que estão em projeto.

Pensamos, sonhamos, a orquidofilia brasileira como atividade cultural multifacetada, complexa, mas fraterna e hospitaleira, tal como nosso povo, sem preconceitos e prejulgamentos. Sei que você também pensa assim, e é, por isto e pelo que você nos merece e pela oportunidade que sua bela carta nos deu, que me permiti estender-me um pouco e, para concluir, e exemplificar com uma das muitas

dificuldades para conduzir um projeto como PULCHRA (que, além de tudo, ainda está no segundo número e enfrentando um "PIB" bravo, para copiar sua feliz imagem...), conto que, naquele mesmo dia em que estivemos juntos e em que pessoalmente você me entregou a sua carta, durante a magnífica exposição de março, da AOSP, eu tinha cobrado do Amândio Pinho Caetano as fotos pedidas de algumas das suas flores selecionadas, e ele, com a franqueza e sinceridade que o caracterizam, me respondeu que as fotos tinham saído "brancas"...

Raimundo Mesquita

Sobre a nova praga

Gostei muito de encontrar, na última Orquidário, o primeiro estudo sobre a nova praga (*Coleoptera scolytidae*). Ela é originária de Pernambuco (triste glória...), surgiu em 1986, vinda em *Cattleyas granulosa*, coletadas em matas litorâneas do sul do estado. Com esta informação, agora no meio orquidófilo também vão falar mal dos nordestinos, pobres de nós! .. Transmita aos autores minhas felicitações e comunique que irei escrever a eles, pois tenho informações e observações que eles não têm e já aprendemos o seu controle.

Augusto Burle G. Ferreira

Escreva, também, para Orquidário, pois essas informações são da maior importância para a comunidade orquidófila.

Editoria



A flora orquidácea do Brasil, a cada momento, nos surpreende...

Neste número uma bela espécie nova,

Pabstia schunkeana

A new species from Brazil, collected in the State of Espírito Santo.